



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO - FAC
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

**Jornalismo esportivo ou de entretenimento:
discussão sobre a possibilidade de uma cobertura crítica**

Verônica Lima Nogueira da Silva

Brasília, 18 de novembro de 2009



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO - FAC
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

**Jornalismo esportivo ou de entretenimento:
discussão sobre a possibilidade de uma cobertura crítica**

**Dissertação apresentada para obtenção
de título de mestre em Comunicação, na
linha de pesquisa Jornalismo e Sociedade
do Programa de Pós-Graduação em
Comunicação da UnB, sob orientação do
Prof. Dr. Sérgio Dayrell Porto.**

Brasília, 18 de novembro de 2009

**Jornalismo esportivo ou de entretenimento:
discussão sobre a possibilidade de uma cobertura crítica**

Banca examinadora

Prof. Dr. Sérgio Dayrell Porto
Universidade de Brasília (UnB)
Orientador

Prof. Dr. Luiz Guilherme Grossi Porto
Centro Universitário de Brasília (UniCeub)

Prof. Dr. Fernando Oliveira Paulino
Universidade de Brasília (UnB)

**Ao meu orientador, professor Sérgio Porto,
por acreditar e apoiar minhas ideias.**

**Aos amigos da “Faixa”, por fazerem
de Brasília uma aventura incrível.
Ao colega de profissão Chia,
pela brilhante contribuição.**

À minha mãe. Ponto.

Sumário

Introdução	8
Considerações conceituais e metodológicas	10
Capítulo 1	15
Esportes: editoria de entretenimento?	15
1.1 É preciso ter paixão?	15
1.2 Características da cobertura esportiva	18
Capítulo 2.....	31
Investigação no jornalismo esportivo	31
2.1 Jornalismo investigativo.....	31
2.2 O caso Jade Barbosa	41
Capítulo 3.....	55
Ponderações sobre os não ditos do esporte	55
3.1 O que está por dizer	57
3.2 Especulações: por que não são ditos?	67
Conclusão	81
Bibliografia	86

RESUMO

Esta dissertação discute a possibilidade de um jornalismo esportivo que extrapole o relato mais óbvio sobre o esporte, baseado na emoção e na apresentação de resultados, expectativas e performances isoladas. Utiliza a Análise de Discurso para identificar aquilo que não é dito no discurso sobre o esporte, tomando como estudo de caso a cobertura sobre a lesão no punho da ginasta Jade Barbosa, que foi razão de conflito entre o pai da atleta e a Confederação Brasileira de Ginástica. Em seguida, aponta possíveis explicações para esses não ditos, que contribuem para a perpetuação de um discurso idealizado que associa esporte a saúde e bem-estar.

Palavras-chave: jornalismo esportivo, entretenimento, investigação, discurso

ABSTRACT

This dissertation sets out to discuss the possibility of Sports Journalism reaching beyond the more obvious depiction of sports, based on emotion and stories about results, performances and predictions. It uses concepts of Discourse Analysis to identify 'unsaid' in the discourse about sports, taking as study case the press coverage on gymnast Jade Barbosa's wrist lesion, which was the motivation for a public argument between her father and the Brazilian Gymnastics Confederation. Then, it points out possible explanations for these blanks in discourse, which contributes to the perpetuation of an idealized perception that associates sports to health and well-being.

Introdução

“Revoltado, Palmeiras reclama da mudança de data do jogo com o Grêmio”. *“Após afastar ‘fantasma’, Luxa minimiza Sul-americana”*. *“Assis bate Palmeiras no NBB e apaga derrota na estreia”*. As manchetes do site do jornal Correio Braziliense ilustram a licença poética do jornalismo esportivo, que lhe garante o “direito” de abusar de gírias, adjetivos e julgamentos de valor dada a natureza dramática do objeto de sua cobertura. Entretanto, o universo do esporte não se restringe a belos gols, viradas emocionantes ou saltos acrobáticos, sendo constituído por forças econômicas e políticas com forte impacto na vida social. E o atleta, apesar de ser retratado como herói mítico, tem uma existência no mundo real, que precisa ser examinada para além das fofocas sobre casamentos, divórcios e brigas de bar. Esta dissertação discute a possibilidade de um jornalismo esportivo que aborde esses elementos, que fogem ao corriqueiro rol de resultados e performances em disputas esportivas, para produzir uma cobertura mais ampla, crítica e que permita uma melhor compreensão desse universo.

No primeiro capítulo, apresentam-se dados de pesquisa internacional que indicam a baixa capacidade crítica do jornalismo esportivo, com a predominância de apenas três temas – resultados, performances e expectativas – e um relato limitado a competições específicas e um pequeno número de fontes. Os resultados corroboram pesquisa anterior da autora sobre a cobertura das Olimpíadas de Atenas, em 2004, feita por um jornal brasileiro. Os dois trabalhos ilustram o óbvio: o relato sobre o esporte está limitado à emoção e ao entretenimento. O debate em torno dos dados introduz uma primeira análise a respeito dessa restrição (e não da presença dos elementos por si mesma).

O segundo capítulo oferece alternativa para ampliar o escopo dessa cobertura, levantando a discussão sobre a aplicabilidade de princípios do jornalismo investigativo às rotinas produtivas do jornalismo esportivo. Em seguida, utiliza a Análise de Discurso para

estudar a cobertura realizada por três periódicos nacionais sobre o conflito público entre o pai da ginasta Jade Barbosa e a Confederação Brasileira de Ginástica a respeito de uma contusão no punho da atleta, que teria prejudicado seu desempenho nos Jogos Olímpicos de Pequim, em 2008. Outros relatos são trazidos para ampliar o debate, como reportagem da revista Veja sobre a profissionalização e o enriquecimento precoces de jogadores de futebol e sabatina promovida pelo jornal Folha de S.Paulo com o jogador de futebol Ronaldo Fenômeno.

Por sua vez, o terceiro capítulo apresenta aprofundado relato de jornalista especializado em ginástica artística sobre os bastidores desse esporte, entrecortado por ponderações da autora sobre o universo esportivo em geral, baseadas em sua experiência como jogadora de vôlei profissional e em outras entrevistas realizadas durante o curso de graduação. Em seguida, oferece, à luz de conceitos propostos por Eni Orlandi, possíveis elementos que conformam o historicamente dizível a respeito do esporte. Entre os fatores que poderiam influenciar a presença dos não ditos apontados no segundo capítulo e na fala do jornalista, estaria o jogo de forças entre esporte, comunicação, negócios privados e governo. Nesse sistema, construído com base noutro proposto por Gomes para analisar a comunicação política, esses quatro campos se interrelacionam com o objetivo de obter dos demais recursos que lhe são de interesse. E todos se beneficiam de uma percepção idealizada de que o esporte está diretamente relacionado a saúde e bem-estar.

Na conclusão, a constatação, corroborada por editor de esportes da Folha de S.Paulo, do despreparo dos jornalistas brasileiros para realizar a cobertura mais crítica e investigativa que é apresentada como complemento – não como substituição – ao relato emoção do dia-a-dia dos cadernos de esportes.

Considerações conceituais e metodológicas

Como deve proceder o analista? Que escuta ele deve estabelecer para ouvir para lá das evidências e compreender, acolhendo a opacidade da linguagem, a determinação dos sentidos pela história, a constituição do sujeito pela ideologia e pelo inconsciente, fazendo espaço para o possível, a singularidade, a ruptura, a resistência? (ORLANDI, 2005, p. 59)

Minha primeira lembrança do vôlei data de 1988. Aos 11 anos, num Mineirinho (principal ginásio poliesportivo de Belo Horizonte), assisti do último nível da arquibancada a um espetáculo de mãos erguendo-se e abaixando-se harmoniosamente numa “ola” em comemoração à conquista, pela equipe profissional masculina do Minas Tênis Clube, do tricampeonato brasileiro de vôlei. Mas não posso dizer com certeza que foi essa cena, reforçada pela demonstração de garra e amor ao esporte por parte dos jogadores mineiros, que me incentivou a iniciar uma carreira como jogadora. Digo apenas que ainda a guardo como uma das mais bonitas e marcantes que presenciei no esporte.

Após muitas “partidas” na garagem do meu prédio, utilizando o portão como rede, e algumas experiências em escolinhas, comecei a treinar seriamente em 1989, no mesmo Minas do tricampeonato. Atleta exemplar, tinha como metas chegar à seleção principal e sagrar-me campeã olímpica. Treinava muito para isso, seguindo fielmente as instruções dos treinadores e preparadores físicos. Segui numa trajetória ascendente até março de 1995, quando, pouco antes de completar 18 anos, disputei os Jogos Pan-americanos de Mar del Plata na Argentina. O Brasil decidira enviar sua equipe juvenil, e eu estava entre as escaladas.

Não será necessário descrever tudo que aconteceu durante aquela competição. Basta dizer que o que se passou foi suficiente para me fazer questionar os conceitos que estavam sendo impostos às jogadoras. O lema “o vôlei deve vir em primeiro lugar” conduzia à conclusão de que todo o resto deveria ser sacrificado em nome desse ideal, desse sonho,

incluindo saúde física e emocional, família e estudos. Ao começar a questionar esses valores, adentrei um caminho que me levaria, após sete anos, a abandonar a carreira de atleta.

Esse breve relato sobre minha vida no esporte fez-se necessário para situar o leitor em relação ao meu lugar de fala nesta pesquisa e desfazer, antes do início da leitura, a impressão de que este é um produto de uma mente decepcionada, magoada, que guarda rancor em relação a uma série de fatos da carreira. Desfazer essa impressão é fundamental para que o leitor alcance o significado dos questionamentos que apresento e minha motivação para fazê-lo. Minha relação pessoal com o esporte foi devidamente resolvida e reconheço todas as vantagens e benefícios que a carreira me proporcionou, mas, como jornalista e acadêmica, acredito na análise crítica como gatilho de mudanças positivas. Acredito que o sistema formador de atletas de alto nível no Brasil se poderia beneficiar dessas mudanças, e é por meio deste trabalho que pretendo apresentar minhas contribuições.

Minha carreira foi conduzida por decisões tomadas conscientemente, com conhecimento de causa e das consequências que acarretariam. A decisão de encerrá-la não foi diferente. Em dezembro de 2000, retornei ao Brasil após três anos de “refúgio” nos Estados Unidos, onde estudei e disputei campeonatos colegiais pela Universidade do Havaí. Fui aceita novamente em meu clube de origem, mas como uma atleta de segunda categoria, que precisaria provar novamente ter condições de jogar no Brasil, pois o vôlei universitário americano era considerado bastante inferior ao brasileiro. Após um ano e meio, defendia como titular a equipe principal do Minas e destacava-me ao lado de atletas olímpicas, como Fofão, Érika e Ana Maria Volponi. Apesar de estar bem na quadra, sentia-me insatisfeita fora dela. A experiência em outro país e os estudos universitários tinham contribuído para que questionasse ainda mais os valores e as rotinas do esporte profissional brasileiro. Decidi que era o momento perfeito para parar, pois provara a mim mesma que era capaz de atingir o

objetivo estabelecido aos 12 anos de idade – chegar à equipe olímpica brasileira –, mas sabia que não cabia mais no sistema. Não com os questionamentos que fazia.

Na faculdade de Comunicação, pareceu-me apenas natural promover essa discussão. Na monografia de conclusão de curso, tentei estabelecer as diferenças entre o que se vive no esporte e o que se diz sobre ele. Este segundo passo é uma tentativa de aprofundar a análise.

O segundo esclarecimento que se faz necessário diz respeito ao meu entendimento sobre o esporte e o jornalismo esportivo. As críticas que apresento podem conduzir o leitor à falsa percepção de que desprezo todos os valores relacionados ao esporte e os valores-notícia do jornalismo esportivo. Respeito e utilizo em minha vida conceitos, como disciplina e dedicação, e habilidades que desenvolvi por meio do esporte, como trabalho em equipe, sob pressão e em condições adversas. Reconheço, portanto, os vários benefícios que o esporte proporciona ao indivíduo e à sociedade, como os citados por Werthein (2004). Segundo o autor, é *“por meio dos jogos, da dança, da ginástica, da luta e outras manifestações desportivas que a criança, desde a mais tenra idade, desenvolve a consciência de si mesma enquanto ente físico”* (WERTHEIN, 2004, p. 118). Além disso, *“certas competências cognitivas, afetivas, éticas, estéticas, de relação interpessoal e de inserção social são mais eficientemente transmitidas e adquiridas durante a atividade desportiva, individual e em grupo”* (WERTHEIN, 2004, p. 118).

O autor cita ainda o entendimento e o respeito a regras e a autoridades (o juiz e o regulamento) e o controle de sentimentos diversos e contraditórios, como a ambição de vencer e a possibilidade de perder, além do conhecimento das próprias limitações e de valores éticos relacionados ao respeito ao adversário, como aprendizados favorecidos pela prática do esporte.

Não desconheço também a função de entretenimento que o esporte exerce na sociedade, como válvula de escape e meio de sublimação de problemas pelo torcedor.

Portanto, não pretendo criticar o relato sobre o entretenimento, que tem uma função e um valor no jornalismo esportivo, mas, como será exposto nesta dissertação, existe um jogo de forças entre esporte, comunicação, economia e política que conforma o universo esportivo e que, acredito, não deveria ser excluído da cobertura do jornalismo. Portanto, se avalio a possibilidade de uma cobertura mais crítica por parte do jornalismo esportivo, em nenhum momento defendo que a investigação e a análise crítica devam substituir o relato da emoção, inerente à cobertura esportiva. A intenção, pelo contrário, é que venha apenas a complementá-lo, enriquecendo a compreensão do leitor sobre o universo do esporte de alto nível.

Daí a escolha do caso Jade na definição do *corpus*. Além de encaixar-se nos valores-notícia do jornalismo esportivo – notoriedade, ruptura, dramaticidade –, ele permitiria, pelo teor das acusações feitas à Confederação Brasileira de Ginástica (CBG), uma cobertura sobre aspectos menos idealizados do esporte, como condições de treino, contusões e tratamento dispensado aos atletas. Esta pesquisa buscou identificar o que se disse sobre o caso Jade e alguns porquês para o que não se disse. O trabalho foi conduzido pelos princípios da Análise de Discurso, que, segundo Orlandi (2005), se interessa menos por aspectos formais do texto do que pelas “*condições de produção em relação à memória, onde intervém a ideologia, o inconsciente, o esquecimento, a falha, o equívoco*”.

O discurso que emerge desses não ditos foi contextualizado e discutido com a ajuda de leituras e entrevistas com jornalistas e por meio do confronto com princípios do jornalismo em geral e do jornalismo investigativo. Ao discutir textos sobre o caso Jade e as rotinas de produção subjacentes, pretendi chegar ao *discurso idealizado sobre o esporte*, esse sim, o verdadeiro objeto desta pesquisa, originado nos questionamentos dos tempos de atleta. Esse discurso é repetido com tanta naturalidade, que faz pensar ser a única forma de compreender e praticar o esporte em alto nível, apesar de experiências, como a norte-americana, que oferecem evidências do contrário. O vôlei nos Estados Unidos, considerado no Brasil como

de categoria inferior e praticado de forma mais “amadora” nas universidades daquele país, disputou quatro de quatro finais (vôlei de quadra e de areia, masculino e feminino) nos Jogos Olímpicos de 2008, perdendo apenas uma. O Brasil, que atribui a si mesmo o título de “melhor vôlei do mundo” e profissionaliza seus atletas em idade muito mais tenra, foi a três finais e venceu uma.

Orlandi explica que os dispositivos de análise transportam o leitor para um lugar construído pelo analista, em que lhe é oferecida uma nova proposta de leitura.

Esse dispositivo tem como característica colocar o dito em relação ao não dito, o que o sujeito diz em um lugar com o que é dito em outro lugar, o que é dito de um modo com o que é dito de outro, procurando ouvir, naquilo que o sujeito diz, aquilo que ele não diz mas que constitui igualmente o sentido de suas palavras” (ORLANDI, 2005, p. 59).

Ao explicitar meus caminhos de interpretação e motivações, espero deixar claro que minha intenção ao realizar esse debate é tão-somente indicar mais uma forma de pensar o esporte e o jornalismo esportivo, que não exclui necessariamente aquela que é praticada hoje.

Capítulo 1

Esportes: editoria de entretenimento?

“Em nenhuma outra área do jornalismo a informação e o entretenimento estão tão próximos”
– Heródoto Barbeiro (2006)

1.1 É preciso ter paixão?

A emoção, defende Heródoto Barbeiro (2006), é a alma do esporte. *“Ela está nos olhos do jogador que faz o gol do título, na decepção da derrota, nas piscinas, nas quadras e pistas”* (p. 45). O esporte é forma de sublimação dos problemas e dificuldades da vida:

Quem nunca misturou a sua voz à voz enorme das massas humanas densas, espessas e formigantes do estádio não tem nenhum meio de acesso aos significados profundos do esporte. (...) Canto selvagem, sem dúvida, mas também canto de saciedade e de libertação: ele vence todas as reticências, todas as desconfianças e todas as irritações da vida quotidiana, assim como desfaz as angústias mais secretas, mais noturnas de cada um (MAGNANE, 1969, p. 87).

Esse mecanismo de sublimação, segundo o editor do caderno de esportes do jornal Folha de S.Paulo, José Henrique Mariante¹, é um recurso utilizado também pelo jornalismo. *“Você está assistindo CNN, ele está falando de todas as agruras, desgraças, e então o cara diz: And now, sports. E aparece um cara rindo. Porque o esporte é usado como válvula, pelas pessoas e pela mídia. Válvula de escape para uma série de coisas”* (informação verbal). Da mesma forma, Mauricio Stycer², ex-editor do periódico especializado em esportes Lance!, aponta o fato de que a maioria dos veículos privilegia a paixão, preocupando-se apenas em enaltecer o legal, o que apaixona as pessoas, o gol, a marca, o incrível, a vitória (informação verbal). E, talvez por essa razão, defende Mariante, o esporte acabe-se tornando assunto que as pessoas, mesmo os profissionais do jornalismo esportivo, tendem a não levar a sério, o que resulta num menor prestígio do jornalista esportivo e da editoria de esportes na hierarquia do

1 Em entrevista à autora, em 27 de junho de 2009

2 Em entrevista à autora, em 29 de junho de 2009

jornal. “O jornalismo esportivo carrega essa coisa de subeditoria, editoria não séria, com salários menores, condições menores” (informação verbal)³. O editor ressalta que, no aspecto remuneratório, há uma tendência à equiparação, por demanda sindical, mas a má formação do jornalista esportivo e uma “promiscuidade” entre o repórter e o repórter-torcedor seriam consequências mais difíceis de contornar.

O cara se sente próximo das coisas, vai a um estádio, tem 60 mil pessoas, ele está dentro do campo, ele é diferente, ele é mais do que o torcedor, ele está próximo do cara. Ele consegue falar com o Ronaldo, ele consegue um autógrafa do Ronaldo, ele consegue uma camisa autografada do Ronaldo. Então a chance de ele se deslumbrar com esse mundo, principalmente se ele gosta do negócio, é muito grande (informação verbal)⁴.

Em seu *Manual de Jornalismo Esportivo*, Barbeiro incentiva que o jornalista separe a paixão pelo esporte e o trabalho. Segundo o autor, muitos jornalistas não conseguem distinguir a amizade com os atletas de seu relacionamento profissional com eles, mas precisam decidir o que é mais importante: essa amizade ou a carreira de jornalista esportivo. Portanto, ele conclama os jornalistas esportivos a não demonstrarem tietagem, lembrando-se de deixar o torcedor em casa.

Mais sutil do que a confusão entre a condição de repórter e a de fã é a perda do distanciamento crítico necessário à atividade jornalística em função de uma relação apaixonada do jornalista com o esporte. Paulo Vinícius Coelho⁵ é repórter especializado em futebol, e sua marca é um profundo conhecimento histórico sobre esse esporte – datas, escalações, placares, recordes.

Eu nunca forcei a barra para ter esse perfil. Eu gosto de história. E gosto de prezar um pouco do moleque maluco que existia dentro de mim que me fez virar jornalista. Por isso que gosto de manter o conhecimento do que foi o time do Corinthians campeão paulista invicto de 2009, porque isso é tanto história quanto é o Guarani de 78, que da minha memória não vai sair nunca (informação verbal).

3 Editor do caderno de esportes da Folha de S.Paulo, José Henrique Mariante, em entrevista à autora, em 27 de junho de 2009

4 Editor do caderno de esportes da Folha de S.Paulo, José Henrique Mariante, em entrevista à autora, em 27 de junho de 2009

5 Entrevistado pela autora em 29 de junho de 2009

Em seu livro *Jornalismo esportivo*, ele abre seção intitulada “*É preciso ter paixão?*” com comentário sobre o jornalista Guilherme Gomes, que não tinha o esporte em sua veia e cujo “*interesse pelo futebol nunca tinha passado da compra de ingresso para assistir a jogos nas arquibancadas*” (COELHO, 2006, p. 44). O autor explica que, apesar de não ter, desde o início, interesse profissional pela área esportiva, Guilherme havia chegado a editor-executivo do Lance!.

Ao destacar o profissional que deu certo mesmo sem a paixão pelo esporte, PVC, como o autor é conhecido, parece sugerir que, a princípio, o jornalista apaixonado pelo esporte estaria mais bem equipado para exercer a profissão que o não apaixonado. Ele afirma que “*os princípios da profissão valem tanto para quem tem quanto para quem não tem paixão pelo jornalismo*”, mas, para esse, “*é preciso mais esforço*” e “*cuidado jornalístico redobrado*”. O porquê não fica claro. “*Checar informação é fundamental para quem não aprendeu a amar o esporte*”. Checar informação é princípio básico do jornalismo, e, nessa empreitada, é mais provável que a paixão atrapalhe. Possibilidade que o próprio autor admite, ao afirmar que a informação trazida de cor (de coração) também pode estar incorreta, traindo o repórter apaixonado.

Na entrevista concedida à autora, PVC defende a necessidade de distanciamento crítico e contextualiza sua defesa da paixão: “*Eu não posso perder de vista que aos 40 anos falo com o moleque de 14, que sou eu aos 14. E pra eu falar com esse moleque de 14, pra ele me entender, eu preciso estar eu aos 14, eu não posso perder a paixão*” (informação verbal)⁶. Da mesma forma, no livro *Técnica de jornal e periódico*, Amaral (1978) defende a necessidade de uma certa dose de paixão pelo esporte para que o jornalista esportivo possa especializar-se nessa área, mas não apresenta a mesma exigência ao jornalista de outras editorias, como política e economia, tratadas com o mesmo didatismo pelo manual.

6 Jornalista esportivo Paulo Vinícius Coelho, em entrevista à autora em 29 de junho de 2009.

O ciclo, portanto, parece-se retroalimentar: o esporte não é levado a sério porque é paixão, os jornalistas esportivos não são exigidos da mesma maneira em sua formação e acabam confundindo sua situação de repórter com a de torcedor, produzindo um jornalismo que, ao aproximar-se do entretenimento, acaba por ser entendido como uma editoria menor dentro do jornal.

1.2 Características da cobertura esportiva

A alegada condição do jornalismo esportivo de gênero menor, ligado apenas ao entretenimento, é analisada pelo pesquisador australiano David Rowe (2007) no artigo “*Sports Journalism – Still the 'toy department' of the news media*”. Seu objetivo é verificar se o jornalismo esportivo é mais do que apenas uma fonte de informação e entretenimento, sendo capaz de atender ao propósito principal da cultura jornalística – investigar, analisar e criticar. Em outras palavras, se o jornalismo esportivo seria um “*lugar dedicado à diversão e à frivolidade, ao invés de a funções mais sérias de quarto poder*” (p. 386, tradução nossa).

Para realizar o debate, Rowe utiliza dados de pesquisa⁷ de Análise de Conteúdo realizada em mais de 10 mil artigos de 37 jornais de 10 países⁸ (Austrália, Áustria, Dinamarca, Inglaterra, Alemanha, Noruega, Romênia, Escócia, Suíça e Estados Unidos), com o objetivo de verificar a influência e a qualidade da imprensa diária esportiva. Os resultados, segundo Rowe, reforçam o estereótipo de *toy department* (editoria de entretenimento, numa tradução livre), conduzindo a uma concepção do jornalismo esportivo como “*a melhor agência de publicidade do mundo*”. (p. 387, tradução nossa).

Os dados gerais da pesquisa indicam que as páginas esportivas estão centradas principalmente no mero relato de competições e dos momentos que as antecipam (58% de

7 A pesquisa foi conduzida pela instituição dinamarquesa *The House of Monday Morning*. O estudo foi feito por meio de análise de conteúdo no período de 11 de abril a 24 de julho de 2005.

8 Os pesquisadores tentaram, mas não encontraram colaboradores para realizar a pesquisa nem na Ásia, nem na América do Sul, nem na África. Daí a ausência de veículos desses continentes no *corpus*.

todos os artigos) e estão pouco interessadas em assuntos relacionados ao contexto social em que o esporte está organizado, como financiamento (3%), política esportiva (5%) e impactos sociais do esporte (2,5%). “*A imprensa esportiva tem grandes dificuldades para relatar qualquer coisa que aconteça fora do ângulo das câmeras de televisão e após as luzes do estádio serem desligadas*” (SCHULTZ-JORGENSEN *apud* ROWE, 2007, p.387). Barbeiro (2006) apresenta quadro semelhante de restrição da pauta do jornalismo esportivo à agenda de jogos e treinos. “*Assim, as notícias resumem-se ao jogo que acontece amanhã, ou o que aconteceu ontem. Durante a semana, o noticiário fica dominado por esses eventos seguidos das entrevistas coletivas dos times de futebol. Não há diferença entre as notícias nos diferentes veículos*” (p. 26).

Rowe defende que, para livrar o jornalismo esportivo do rótulo de editoria de entretenimento, é preciso encontrar evidências contrárias em sua produção textual, pois o jornalismo só deixa de ser relações públicas, promoção e marketing quando começa a identificar e criticar problemas e temas significativos do assunto que cobre (ROWE, 2007, p.388). Portanto o autor trabalha com o conceito de “orientação ao problema” para verificar se a reportagem esportiva envolve predominantemente descrição seca e despolitizada dos eventos, ou uma tendência ao engajamento jornalístico investigativo, crítico, desafiador e socialmente responsável. Ele analisa os dados australianos da pesquisa – com foco na comparação dos dados do *Sydney Morning Herald* com os do resto do país –, classificando as matérias como orientadas ou não ao problema, e traça, em seguida, o perfil daquelas da primeira categoria.

A média dos jornais australianos é de 29,17% de matérias orientadas ao problema, e a do *Sydney Morning Herald*, “*o jornal metropolitano mais antigo da Austrália*”, de apenas 17,27%. Rowe investigou a relação entre orientação ao problema e relevância da notícia, levando em consideração indicadores de valor relacionados ao processo de edição. Os textos

foram classificados em “principais” (matérias mais importantes nas posições mais evidentes do jornal); comuns (matérias de tamanho padrão); e subordinadas (notas). No Herald, 28,07% dos artigos esportivos já classificados como orientados ao problema foram considerados principais; a média australiana foi de 35,75%. A maioria era comum (59,65% no Herald e 58,48 na Austrália). O autor conclui que as matérias orientadas ao problema não têm prioridade sobre as não orientadas ao problema, não recebendo mais destaque nas páginas esportivas.

A pesquisa de Rowe classificou também as matérias orientadas ao problema de acordo com a temática, buscando identificar as preocupações predominantes dos textos analisados. Foram utilizadas 18 categorias, desde temas restritos ao mundo do esporte, como “resultados e relatos de jogos, competições e torneios específicos” até os mais amplos, com viés sociológico, como “esporte e integração social/discriminação”. Três temas – resultados, expectativas e performance – dominaram os resultados (juntos, os três corresponderam a 61% das matérias australianas e 56% das do Herald). Ainda que qualificados como orientados ao problema, os textos tratavam de situações específicas relacionadas à atuação de um atleta ou equipe em uma determinada competição, sem alcançar o contexto mais amplo social e esportivo em que se desenrola.

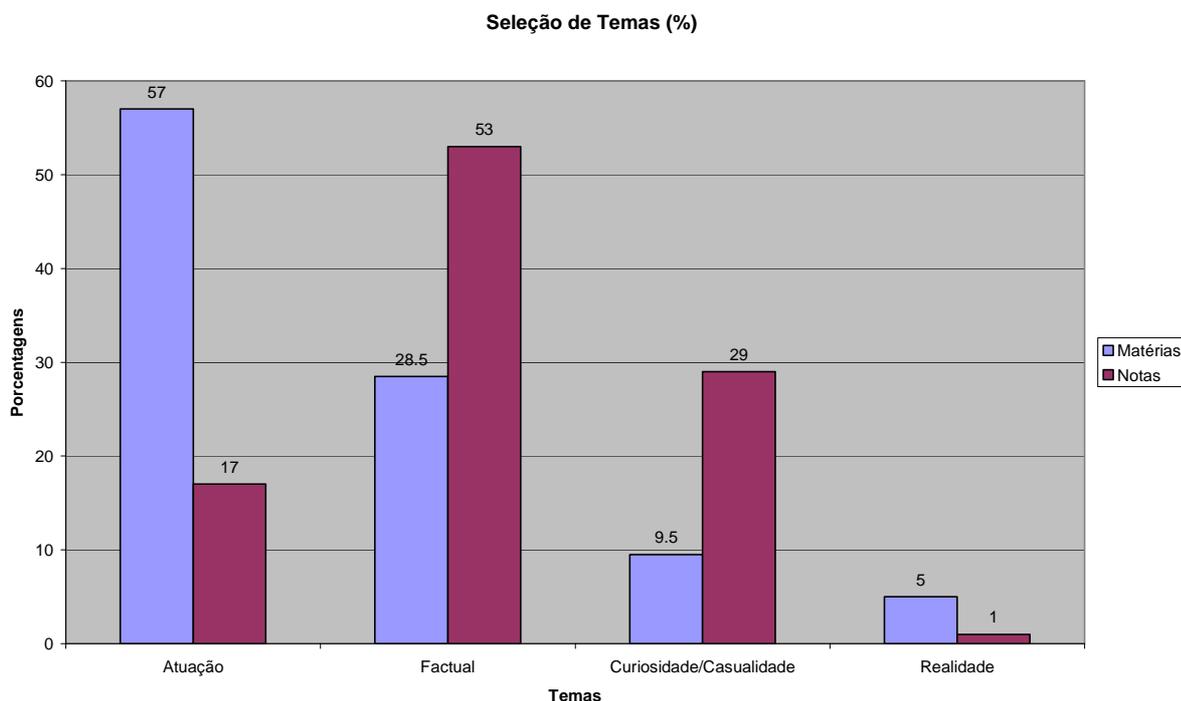
Em resumo, as matérias identificadas como orientadas ao problema são minoria, não recebem destaque na estruturação do jornal e se concentram em três temas principais – resultados, expectativas e performance –, dizendo respeito a um atleta ou equipe em uma determinada competição. Portanto, de acordo com Rowe, “*a maioria das matérias esportivas, mesmo as orientadas ao problema, tende a ser, com base nos dados dessa pesquisa, a 'falação' do dia-a-dia do esporte ao invés de análise incisiva e crítica*” (ROWE, 2007, p.391, tradução nossa).

Sobre os temas das matérias, os resultados apresentados no artigo de Rowe conversam com dados levantados pela autora em trabalho anterior (SILVA, 2005). Análise do assunto principal (aquele expresso no título, linha fina e *lead*) das 169 matérias e 206 notas publicadas entre os dias 12 e 30 de agosto de 2004 no caderno Olimpíadas 2004, do jornal Estado de Minas, revelou o direcionamento da cobertura dos jogos olímpicos daquele ano para a atuação dos atletas. Tanto antes das competições, quando as reportagens falavam das expectativas em torno de possíveis resultados positivos, quanto no momento em que elas foram ou não correspondidas, a ênfase dos relatos recaiu sobre as habilidades e potencialidades dos atletas e suas equipes.

Como mostra o Gráfico 1, 58% das matérias se encaixaram na categoria *Atuação*⁹. Em segundo lugar, vieram as matérias factuais (28,5%), designadas a manter o leitor informado a respeito do andamento das competições. Curiosidades e eventualidades ficaram em terceiro lugar, representando 9,5% das reportagens. Dentre as notas, as campeãs foram as factuais (53%). O que é natural, dado que esse formato visa, geralmente, a informar de maneira rápida e objetiva. As categorias *Curiosidades/Casualidades* (29%) e *Atuação* (17%) ficaram em segundo e terceiro lugares respectivamente.

-
- 9 As categorias foram definidas como:
 - **Factual** – Resultados das competições. Programação dos Jogos: quem joga, contra quem, quando e onde. Chegada e partida de competidores de Atenas.
 - **Atuação** – Resultados, positivos ou negativos, e expectativas quanto a resultados positivos, com ênfase na atuação de atletas e equipes. Matérias especiais sobre atletas considerados como possíveis vencedores nos Jogos.
 - **Curiosidades/Casualidades** – Fatos e curiosidades sobre a realização e a organização dos Jogos. Casualidades, eventos imprevisíveis relacionados direta ou indiretamente às competições.
 - **Realidade** – Abordagem de problemas que afligem a realidade do esporte. Posicionamento crítico-constructivo em relação a eles.

Gráfico 1



(Fonte: Silva, 2005)

Da análise, conclui-se que não houve posicionamento crítico nem referência a problemas que afligem os esportistas nacionais. De fato, o mais perto que se chegou de uma postura crítica foi em matéria sobre a equipe de futebol feminino. Ainda assim, mesmo denunciando a condição da prática do esporte no Brasil, o objetivo real do texto parece ter sido mais o de exaltar o feito das jogadoras, que driblaram todas as dificuldades citadas para chegar a uma final olímpica:

É a modalidade nacional em pior situação, pois não tem qualquer estrutura nem mesmo um campeonato regular, e a medalha de ouro, se conquistada, será um grande passo para a realização do sonho maior: a sua afirmação no Brasil, podendo assim receber o incentivo necessário. (DRUMMOND *apud* SILVA, 2005).

A matéria ilustra a situação identificada por Rowe, de texto classificável como orientado ao problema, mas que não extrapola o caso específico.

Ainda que a pesquisa internacional tenha utilizado uma maior variedade de categorias para classificar os temas das matérias analisadas, os resultados apontam para a mesma conclusão: a

cobertura esportiva está centrada em resultados, expectativas e performances de equipes e atletas em torneios específicos. O que é coerente com a percepção de Traquina (2005) de que a unidade de análise privilegiada pelo jornalismo é o acontecimento¹⁰, não a problemática.

Se as estatísticas de Rowe e desta autora mostram que a maioria dos textos sobre o esporte se restringe a apenas três temas, a sugestão de Amaral para expandir a apuração jornalística é a abordagem de fatos curiosos, pitorescos. Segundo o autor, essas histórias seriam suficientes para o leitor ficar por dentro da rotina do esporte. O jornalista tornou-se também um observador “*dos pequenos fatos que acontecem no ambiente, explorando-os, seja no sentido curioso, seja no tom pitoresco, ou, ainda, no aspecto humano. Tudo isso num estilo leve, que conduz o leitor a tomar **conhecimento** da rotina incentivado pelos **atrativos** da notícia*” (AMARAL, 1978, p. 104, grifo nosso). A visão que Amaral oferece da editoria de esportes, portanto, é a de um ramo do jornalismo que deve tratar a notícia de modo diverso daquele dado ao noticiário geral. Por cuidar de assunto mais leve, o texto deve ser também atrativo, descontraído, ainda que respeitando o princípio do jornalismo de levar informação, conhecimento ao leitor.

O manual escrito por Barbeiro e Rangel busca conferir ao jornalismo esportivo a seriedade e os princípios do jornalismo em geral (rigidez pragmática, objetividade). “*O jornalismo deve fiscalizar rigidamente todas as autoridades esportivas e publicar o que considerar de interesse público, agrade ou não às fontes e aos protagonistas*” (BARBEIRO, RANGEL, 2006, p. 116). Em entrevista à autora, Barbeiro¹¹ critica duramente o repórter que apenas espera as curiosidades chegarem até ele: “*o jornalista tem pauta? Se eu saio de uma redação sem pauta, eu fico sentado na rua esperando acontecer alguma coisa para publicar?*”

10 Aqui não vou explorar a noção de acontecimento em toda sua extensão, que, segundo Mouillaud (2002), “*é a sombra projetada de um conceito construído pelo sistema da informação, o conceito do 'fato'*” (MOUILLAUD, 2002, p.51). Nos importa apenas destacar que a abordagem do jornalismo esportivo, apesar de operar sobre o fato construindo uma narrativa, um sentido para ele, não alcança todos os elementos do contexto mais expandido do universo esportivo.

11 Entrevista concedida à autora em 4 de fevereiro de 2009, na Livraria Cultura, em Brasília.

Não acontece nada, eu não faço? Ele vai lá, sem pauta, fica ouvindo as fofocas e publicando. Pelo amor de Deus! Isso não é jornalismo” (informação verbal).

Apesar de instigar o pensamento crítico na cobertura esportiva, os autores entendem o esporte como uma atividade intimamente ligada ao entretenimento, um evento lúdico, que *“distrai as pessoas, um lazer, um momento de descontração”* (BARBEIRO, RANGEL, 2006, p. 92) *“Na transmissão jornalística o espetáculo é a partida, e os atores são os que estão diretamente envolvidos no espetáculo”* (BARBEIRO, RANGEL, 2006, p. 77). Essa peculiaridade do esporte, qual seja, sua proximidade com a emoção, parece estar na raiz do questionamento de Rowe sobre a manutenção do jornalismo esportivo como editoria de entretenimento. Isso porque nos parece incoerente exigir que haja investigação crítica no jornalismo esportivo se a visão que se tem do esporte é a de que é uma grande festa desenhada para descontrair o torcedor, uma válvula de escape para cidadãos estressados.

Na expectativa de encontrar evidências contrárias à visão estereotipada do jornalismo esportivo como editoria de entretenimento, Rowe analisou o número de fontes ouvidas em cada matéria. *“Uma ampla variedade de fontes, tanto em número como em origem, poderia, se descoberta, ajudar a contrapor o indesejado estereótipo do jornalismo esportivo como dependente apenas em suas próprias observações ou no cultivo de fontes privilegiadas”* (ROWE, 2007, p. 396, tradução nossa).

Os resultados mostraram que as fontes utilizadas não eram muitas, com a média de uma por matéria. Quando se tratava de cobertura não relacionada a um evento esportivo específico, em que, segundo Rowe, esperava-se uma variedade maior de fontes que permitisse o tratamento de aspectos sociopolíticos relacionados ao esporte, verificou-se pouca evidência de abordagem multifocal. *“De fato, quando o tipo de fonte é medido, pode-se ver que pesam fortemente para o lado de opiniões de significativos, porém previsíveis, 'atores' de eventos esportivos”* (ROWE, 2007, p. 396, tradução nossa). Esses atores são atletas, treinadores,

dirigentes e porta-vozes, solicitados a comentar uma vitória ou derrota, respondendo ao estereotipado “como você se sente?”

O autor chama a atenção para a ausência de um tipo específico de fonte, o pesquisador das ciências sociais. Segundo ele, a falta de perspectivas capazes de extrapolar o universo do esporte – sejam elas políticas, científicas ou sociais – sugere que o jornalismo esportivo permanece insular. “*Os dados demonstram que, em relação às fontes, a imprensa esportiva é um mundo fechado em si mesmo com suas próprias preocupações, em diálogo direto com um pequeno número de interlocutores capazes de brincar com os mesmos brinquedos*” (*play with the same toys*, em referência à metáfora do *toy department*, proposta pelo autor) (ROWE, 2007, p. 398, tradução nossa). O número limitado de fontes contribuiria para perpetuar, portanto, o número limitado de temas na cobertura esportiva. E esse ciclo é justificado, segundo Rowe, por uma percepção impregnada na cultura jornalística sobre o que funciona e o que não funciona e sobre o que o leitor quer.

Perguntados sobre a utilização do argumento de que o jornalismo oferece ao leitor apenas o que ele quer para justificar a perpetuação de determinados temas e abordagens, Stycer e Mariante citaram o uso de pesquisas de opinião para embasar a seleção de assuntos pelos veículos. “*O jornal é uma empresa que faz um produto de consumo e ele fica ouvindo esse consumidor-leitor frequentemente para poder ver como mudar, melhorar, fazer propaganda, aumentar tiragem, ver o que gosta, o que não gosta. E isso dá uma certa hierarquia*” (informação verbal)¹². Por sua vez, Stycer afirma que nenhum jornal dá ao leitor apenas o que ele acha que o leitor quer. Isso por uma questão de sobrevivência, para não se tornar previsível e monótono, perdendo espaço para a concorrência.

Mas às vezes você usa isso também, na falta de argumento, 'Ah, isso nosso leitor não quer'. Às vezes é o próprio editor que não gosta de determinado assunto, ou não quer publicar determinada coisa, e usa isso como um argumento. Mas é um argumento

12 Editor do caderno de esportes da Folha de S.Paulo, José Henrique Mariante, em entrevista à autora, em 27 de junho de 2009

falacioso, não é verdade, eu acho que até ele sabe que não é verdade, é uma desculpa pra justificar alguma coisa (informação verbal)¹³.

Traquina (2005) defende ser necessário conhecer a cultura dos profissionais que se dedicam ao jornalismo para compreender por que as notícias são como são. Ele trabalha com o conceito de “*comunidade interpretativa*”, definido como “*um grupo unido pelas interpretações partilhadas da realidade*”, para explicar que a prática jornalística é baseada numa série de assunções, crenças e estruturas cognitivas, perceptivas e avaliativas compartilhadas pelos jornalistas (p. 24).

O autor afirma que os jornalistas acompanham a cobertura uns dos outros, confiando fortemente no trabalho dos colegas de profissão, ainda que de outros veículos, para obter ideias de pautas e a confirmação de seus critérios noticiosos. Esse fenômeno, chamado de “*influência intermedia*”, explica a tendência da reportagem à insularidade e ao autorreforço, padrão verificado na pesquisa apresentada por Rowe. “*O resultado líquido é uma espécie de 'jogo de espelhos que produz um efeito formidável de encerramento mental' entre os membros da tribo jornalística*” (BOURDIEU *apud* TRAQUINA, 2005, p. 27). Mas o fato, explica Sigal, é que os jornalistas precisam justamente dessa insularidade e desse autoreforço para ter o pouco de certeza que lhes permite agir num ambiente instável e incerto (SIGAL *apud* TRAQUINA, 2005, p. 27).

A importância de se compreender os valores compartilhados pela comunidade jornalística reside no fato de que esses profissionais atuam como *gatekeepers*, com o poder de decidir o que é ou não de interesse e o que vale ou não ser publicado. Trata-se do processo de conformação dos valores-notícias, que, segundo Wolf, citado por Sequeira (2005), indicam os fatos considerados suficientemente interessantes, significativos e relevantes para ser transformados em notícias. Mas as restrições verificadas na cobertura esportiva podem estar relacionadas também às rotinas de produção do jornalismo. Wolf entende que o processo de

13 Jornalista Mauricio Stycer, em entrevista à autora em 29 de junho de 2009.

elaboração de informações de massa sofre restrições ligadas à organização do trabalho, em função das quais são criadas “*convenções profissionais que determinam a definição de notícia e legitimam a marcha produtiva – desde a utilização das fontes até a seleção e edição dos acontecimentos*” (SEQUEIRA, 2005, p. 33).

Amaral (1978) descreve o modo como as constrictões do processo produtivo acabam por moldar o texto jornalístico:

Obrigados a escrever os relatos dos acontecimentos enquanto estes ainda estão transcorrendo, os repórteres esportivos ganham mais prática em escrever textos corridos. Eles não têm tempo para escolher palavras, buscar sinônimos, tentar efeitos especiais. Tudo é feito às pressas, palavras e ideias têm de estar presentes a sua mente no momento exato em que ele precisa. Esse trabalho sob pressão, feito no *fogo*, como se costuma dizer nas redações, dá ao profissional, com o correr do tempo, aptidões especiais e duradouras, que ele pode aproveitar com êxito em qualquer setor da informação coletiva (p. 102, grifo no original).

Mas o que é visto por Amaral como um recurso útil é criticado por Marshall (2003) como um elemento limitador. Para ele, esse mesmo processo fez do jornalista um especialista em generalidades, que recorre a fórmulas prontas, pré-cozidas, ao alcance da mão, simplificando os fatos e fazendo o relato superficial, sem análise e apuração aprofundadas:

uma máquina de produção de informação, um operário com demandas estipuladas e prazos de entrega a cumprir. Afinal, as redações dos jornais contemporâneos adotaram processos fordistas e tayloristas de produção de notícias, obrigando o jornalista a ser uma peça maleável e capaz de se adaptar a variadas necessidades e situações (MARSHALL, 2003, p. 32).

Julgamentos à parte, ambos estão tratando da formatação do texto e da linguagem jornalísticas ao seu contexto de produção. Segundo explica Traquina (2005), ao longo de sua formação, o jornalista adquire um “inventário de discurso”, composto por um “catálogo de estórias” que o permite completar seu trabalho, “*dando-lhe um esqueleto sobre o qual coloca a carne da nova estória*” (TRAQUINA, 2005, p. 43). A isso o autor chama “saber de narração”, manifestado pelo “jornalês”, uma linguagem com regras estilísticas específicas desse tipo de texto: sintaxe direta e concisa, uso de palavras concretas, texto na voz ativa, descrição detalhada e precisa. Em relação ao conteúdo, a característica principal desse texto

“feito no fogo”, “pré-cozido”, baseado num esqueleto preexistente é, no caso do jornalismo esportivo, o enaltecimento de heróis esportivos e o culto aos campeões, fórmula bastante criticada por Magnane (1969):

Esta sede de maravilhoso popular foi celebrada por todos os autores que escreveram sobre o esporte, os melhores e os piores. A degradação progressiva do tema da 'epopéia esportiva' tornou-se inicialmente o lugar-comum dos discursos de abertura ou de distribuição de prêmios, depois um simples exercício de estilo (e que estilo!) para os repórteres esportivos” (p. 103).

Em nota de rodapé, o autor é ainda mais cáustico: *“Sauvadet reuniu algumas amostragens das monstruosas flores que essa retórica produz. Deixo a um dos seus sucessores o cuidado de completar esse arquivo de besteiras”*.

A linguagem do jornalismo esportivo tem origem imiscuída ao romance, à literatura, com crônicas de Nelson Rodrigues e locuções de Ary Barroso. Mas, apesar de ainda revelar traços do modelo anterior, como as gírias, os lugares-comuns e os adjetivos, o texto atual deu uma guinada em direção ao factual e à objetividade. Mudança da qual se parece ressentir Paulo Vinícius Coelho. Em seção de seu livro intitulada *“O espaço do romance e do fato”*, PVC pondera que os dramáticos textos produzidos pelos primeiros cronistas esportivos, como Nelson Rodrigues e Mário Filho, talvez não possam ser classificados como jornalismo. Mas defende que eram responsáveis pela criação de ídolos e deuses, motivando o torcedor a ir ao estádio no jogo seguinte para vê-los (COELHO, 2006, p. 17). E a ênfase nos fatos adotada pelo modelo atual teria resultado, segundo PVC, em, *“muitas vezes, uma crônica tão desprovida de paixão que é capaz de jogar na vala comum atletas que certamente já merecem lugar na história”* (COELHO, 2006, p.19). Ele cita os jogadores de futebol Dunga e Ronaldo como merecedores do “tratamento de lenda” e, além desses, Rivaldo, Romário e Bebeto, *“gente que deu ao país o quarto e o quinto título mundial”*, como injustiçados por não terem sido tratados *“com a reverência dedicada aos campeões de 1958, 1962 e 1970”*.

Em entrevista à autora, o jornalista esclarece que existe um contraste entre o “relato hipérbole” dos anos 50 e o “relato pura objetividade” de agora, pois, hoje, o torcedor tem a oportunidade de “*ver o cara na entranha, os erros e acertos*” dos jogadores. Se antes cronistas como Nelson Rodrigues narravam a partida sem estarem presentes ao estádio, “*ouvindo o relato na melhor das hipóteses pelo rádio*”, a tecnologia atual permite ao torcedor acompanhar todas as partidas de seus ídolos. A “crueldade”, portanto, segundo PVC, está no fato de “*Ronaldo, Rivaldo, Dunga serem vistos como os seres humanos comuns que eles são*”, após Bellini, Garrincha e Didi terem sido tratados como heróis, mesmo sendo seres tão comuns e humanos quanto os outros.

Em suma, só é transformado em notícia um fato que, reconhecido como pertinente pelos jornalistas, é suscetível de ser trabalhado pelo veículo de comunicação sem demasiadas alterações no ciclo produtivo normal, que conta com tempo e recursos limitados (SEQUEIRA, 2005, p. 34) e uma linguagem pré-moldada que acaba por direcionar a seleção de conteúdos para o texto. A pressão dessas forças, externas ao fato, acaba fazendo com que o fato seja removido do contexto em que ocorreu e recontextualizado dentro das dimensões do noticiário. Se esse processo permite a produção diária de informação, dificulta, por outro lado, o aprofundamento e a compreensão de muitos aspectos significativos dos fatos apresentados como notícia. “*A noticiabilidade, portanto, constitui um elemento da distorção involuntária contida na cobertura informativa dos meios de comunicação de massa*” (SEQUEIRA, 2005, p. 34, grifo nosso).

Rowe conclui que os dados da pesquisa fazem pouco para desmontar as acusações de que o jornalismo esportivo existe nesse “*mundinho confortável com horizontes limitados*” e de que ele tenderá a deixar para outros – incluindo jornalistas de outras editorias – a responsabilidade pela investigação substancial e crítica sobre o esporte e sobre sua relação com outras importantes áreas da sociedade e da cultura. De fato, segundo os jornalistas

Gustavo Cunha Novo¹⁴ e Mauricio Stycer, muitos dos temas que poderiam ser considerados como orientados ao problema acabam sendo tratados por outras editoriais, como cidades e saúde, por estarem no limiar entre duas ou mais áreas de conhecimento. “*Quando entra uma coisa que dá mais uma distorção social, não é exatamente o que se espera do caderno de esportes, há essa conversa entre os editores pra saber onde vai sair essa matéria. E sai muito em cidades, esse que é o problema. Não sai na editoria de esporte*” (informação verbal)¹⁵.

Stycer acrescenta que o jornalista esportivo talvez não esteja tão bem preparado para explorar uma pauta de contusão quanto o jornalista especializado em saúde, por exemplo, embora ele tenha acesso e entreviste corriqueiramente os médicos das equipes.

Ele está sempre ouvindo a conversa do médico. Quando o Ronaldo se contunde, o jornalista é obrigado a ouvir o cirurgião, que vai descrever uma operação. Mas você pode se perguntar: ele é a pessoa certa pra fazer essa matéria? Ele vai saber fazer as perguntas que têm que ser feitas? (informação verbal)¹⁶.

Ainda que essas ponderações possam amenizar a percepção de superficialidade do jornalismo esportivo, não se pode deixar de atentar para a pesada crítica de Rowe. Ele entende que, dada a elevada proeminência sociocultural do esporte, propiciada pela intensiva presença em todos os tipos de mídia, o jornalismo esportivo tem-se aproximado mais de uma forma de jornalismo de entretenimento e celebridades, que opera para sustentar “*a sport star system*”. (ROWE, 2007, p. 400).

Tendo exposto as principais limitações do jornalismo esportivo, verificadas por Rowe em seu artigo e apontadas por diversos autores e profissionais da área, passaremos agora à análise do material empírico. O propósito será verificar, pela Análise de Discurso, se as limitações apontadas por Rowe no jornalismo esportivo australiano ocorrem também no brasileiro, à luz de um princípio defendido por alguns autores como fundamental ao jornalismo de modo geral – a investigação.

14 Em entrevista à autora em Brasília, em 28 de julho de 2008. O jornalista foi o enviado do Jornal de Brasília para cobrir os Jogos Olímpicos de 2004, em Atenas.

15 Jornalista Gustavo Cunha Novo, em entrevista à autora em 28 de junho de 2008.

16 Jornalista Mauricio Stycer, em entrevista à autora em 29 de junho de 2009.

Capítulo 2

Investigação no jornalismo esportivo

2.1 Jornalismo investigativo

O jornalismo investigativo tem, segundo Sequeira (2005), a função de desvendar as causas, as origens de um acontecimento, sem nunca ficar limitado ao fato. Ele deve seguir o rastro de histórias ou acontecimentos, com o objetivo de checar se não trouxeram, ou trarão, prejuízos à sociedade. Citando Nilson Lage, a autora apresenta o jornalismo investigativo como “*guardião da sociedade*”, buscando evidenciar suas “*misérias presentes e passadas*” e tornando “*públicos acontecimentos que grupos de poder querem esconder da sociedade*”. (p. 62).

O que não implica, defende Dines – também citado por Sequeira em seu *Jornalismo Investigativo: O fato por trás da notícia* –, que, ao praticar o jornalismo investigativo, o repórter esteja obrigado a uma postura de denunciamento:

Ele pode comportar uma atitude grave, estudiosa e, sobretudo, responsável, desde que o jornalista adote o princípio filosófico de que qualquer questão oferece duas perspectivas – uma a favor e outra contra. Se o profissional entender que a boa reportagem é justamente aquela que consegue apresentá-las com equidistância, manterá a objetividade e o padrão ético (SEQUEIRA, 2005, p. 22).

Extrapolando a função de “cão de guarda”, que protege os cidadãos contra abusos do poder, de servidor do público em busca da verdade, o jornalismo teria ainda, segundo o movimento conhecido como jornalismo público, ou jornalismo cívico, “*um papel no reforço da cidadania (citizenship), melhorando o debate público e revendo a vida pública*” (ROSEN *apud* TRAQUINA, 2001, p. 172). Mas, para que o leitor se assegure de sua situação na história e seja capaz de formular opiniões sobre os acontecimentos que a compõem, é preciso bem mais do que apenas ser notificado sobre esses fatos. É necessário que a informação

contenha os seguintes elementos: “*dimensão comparada, remissão ao passado, interligação com outros fatos, incorporação do fato a uma tendência e a sua projeção para o futuro*” (DINES *apud* SEQUEIRA, 2005, p. 21). A obrigação do jornalismo investigativo seria, portanto, inquirir sobre as causas e origens dos fatos, buscando a ligação entre elas, para explicar sua ocorrência.

A presença desse jornalismo investigativo nas redações encontra, entretanto, obstáculos no perfil do profissional exigido pelas empresas, que marginalizam o repórter investigativo, e na lógica das redações, “*que privilegia textos enxutos, curtos, superficiais, fragmentados, em blocos previamente estabelecidos para facilitar a diagramação das páginas e agilizar o processo de fechamento*” (SEQUEIRA, 2005, p. 42). Devido a essa fragmentação, cria-se para o leitor a dificuldade de conectar a história narrada a seu contexto social, político e cultural. Marshall concorda que mesmo a denúncia perde a força de conscientização ao ser apresentada de forma fragmentada e apenas como disse-me-disse entre as partes, sem apuração e contextualização.

O anormal, o incomum, o absurdo são anulados pela força fragmentadora e sem contexto das notícias. (...) Todos os pequenos pedaços de tragédia, sangue, violência e aberrações fazem parte de uma grande, crescente e normal anormalidade. O absurdo integra o cotidiano e se instala na pele da cultura e da sociedade. (MARSHALL, 2003, pp. 42-43).

Segundo esse autor, reportagens críticas, que promovem a reflexão e a consciência, têm dado lugar a “*banalidades e mexericos com maior potencial de mercado*”, o que leva à neutralidade da informação e à apatia cívica e moral dos cidadãos (MARSHALL, 2003, p. 49):

A notícia que jorra hoje nos noticiários de TV, rádio, jornal ou internet, em todo o globo, apresenta-se apenas como uma casca. A informação não é ativa, **não possui as causas e porquês**, não é incendiária nem mobilizadora. Como uma mercadoria, ela não tem o objetivo de despertar o sujeito e, mesmo que mostre os sinais de corrosão do sistema, não distribui os elementos necessários para a cristalização de uma opinião crítica e contestadora (MARSHALL, 2003, p. 37, grifo nosso).

Um bom exemplo dessa superação do crítico pelo anedótico no relato da anormalidade

está na matéria “*Depois da final, Jade relaxa dieta rigorosa e encara biscoitos e Big Mac*”, publicada em 17 de agosto de 2008 pela revista *Época On-Line*. A repórter conta ao leitor que a ginasta Jade Barbosa, acompanhada de sua colega de equipe Daiane dos Santos, resolvera, após o fim de sua participação na competição de solo dos jogos olímpicos de 2008, “*libertar-se*” da rigorosa dieta imposta pelos treinamentos e comer biscoitinhos, Big Mac, nuggets e batata frita regados a refrigerante. Em tom anedótico, afirma que “*em poucos minutos, Jade comeu quase o dobro do que vinha comendo num dia inteiro. (...) A vontade era tanta que os biscoitos iam inteiros para a boca*” (FRARE, 17 ago 2008).

O texto traz, em pontos diferentes, dois fragmentos de informação, para que se tenha “*ideia de quão severo é o controle alimentar das atletas da ginástica*”: o dado de que, durante a preparação para os Jogos de Pequim, Jade ingeria 900 calorias diárias e a estimativa de “*que uma dieta ideal para uma mulher comum seja de cerca de 2 mil calorias diárias*”. Sequeira fala da importância da intuição na reportagem investigativa, citando a teoria de Charles Peirce, segundo a qual um fato surpreendente demanda o levantamento de hipóteses para explicá-lo. Rowe apresenta pensamento similar ao defender que um problema identificado carrega perguntas a serem respondidas – pelos jornalistas. Uma leitura minimamente interessada da matéria citada levaria à conclusão de que a comparação proposta levanta mais dúvidas do que esclarecimentos sobre a dieta da ginasta. Ao analisar os dois dados, nos parece impossível que uma atleta olímpica adolescente consiga executar todas as suas atividades diárias com menos da metade das calorias necessárias a uma mulher comum, que não segue rotina intensa de treinamentos físicos. A revista, entretanto, parece não entender essa discrepância como surpreendente e não prossegue no sentido de responder às perguntas suscitadas pelo dado: a atleta ingere suplementos alimentares não calóricos que compensam a diferença? Se não, as calorias ingeridas a menos poderiam levar a um quadro de desnutrição? Haveria consequências para a saúde da atleta, no curto, médio ou longo prazos? E assim por

diante. Talvez essa anormalidade ganhe mais facilmente ares de normalidade por se tratar do universo esportivo, uma vez que o discurso dessa editoria, conforme analisado pela autora em trabalho anterior, tende a equiparar o atleta a um herói mítico, com poderes sobre-humanos. “*Tal representação [do esporte feita pela indústria cultural] seria uma idealização que transforma o atleta em um semideus dotado de capacidades superiores, suas dificuldades em um caminho de provações semelhante ao trilhado pelos heróis da mitologia e seu sucesso em destino inalterável*” (SILVA, 2005, p. 5).

Sequeira cita pesquisa realizada por Carlos Manuel Chaparro¹⁷, que verificou que apenas 2,32% do espaço da Folha de S.Paulo foi ocupado, em 1995, por reportagens investigativas, para discutir a baixíssima produção em jornalismo investigativo no Brasil. A autora se aprofunda nas mudanças que aconteceram no modo de fazer jornalismo no País e que contribuíram para a perda de espaço do jornalismo investigativo. Após resumir as idéias de Wolf sobre rotinas produtivas e sua influência sobre os valores-notícias, a autora conclui:

Portanto, **o processo de construção da notícia** detectado por Wolf – que se inicia nos canais de recolha do material, os quais enviam releases, em formato jornalístico, para ser facilmente inseridos nos procedimentos das redações, aos quais às vezes basta modificar o *lead* para ser publicados – **não coaduna com o jornalismo investigativo**, decretando assim a extinção dessa categoria nos veículos de mídia impressos” (SEQUEIRA, 2005, p. 38, grifo nosso).

Ela explica que o primeiro passo para a acomodação das equipes de reportagem, já na década de 1970, e que passa despercebido ao leitor desatento, foi o desenvolvimento, pelas assessorias de imprensa, tanto de organismos privados como públicos, de estratégias de comunicação e persuasão para ‘vender’ suas ‘notícias’ aos editores dos jornais, que as publicam “*em nome do interesse público*” (SEQUEIRA, 2005, p. 39). Assim como a informatização das redações, que permite o acesso rápido e fácil dos jornalistas a matérias e declarações. Os jornalistas se tornam então passivos, deixando de sentir a necessidade de descobrir e checar, de forma independente, novos fatos. Pendurado ao telefone, recebendo

17 Tese de livre-docência apresentada na ECA-USP em 1997 e intitulada “Jornalismo: discurso em dois gêneros”.

releases de assessorias ou navegando na Internet, o jornalista se transformou num anotador de dados, que não faz um trabalho de análise sobre o que é dito e apurado, defende a autora. Da função de *watchdog*, resta apenas o denunciamento, o bate-boca, os comentários de personalidades sobre um fato, girando em círculos, sem tocar o contexto e sem aprofundar na reportagem.

Outro passo foi a mudança na concepção do jornalismo, que passa a ser despolitizado, com os jornais defendendo os interesses da própria empresa e não mais da sociedade. Segundo Marshall, o jornalismo está acuado e, curvando-se ao sistema, vem flexionando seus conceitos, valores, padrões e posicionamentos. O resultado dessa lógica é que o jornalismo se teria transformado em uma simples esfera de sustentação para interesses eminentemente comerciais, em substituição ao jornalismo engajado, idealista, revolucionário, que abria espaço para lutas ideológicas e debates sociais, latente até o século 19.

Ainda assim, Barbeiro defende a possibilidade de se fazer “*jornalismo esportivo inteligente*”, expandindo a pauta de esporte para além do esporte. “*Boa reportagem virá de um profissional que elabora, pesquisa e ‘fuça’, sempre com fundamentação, claro. Se os jogadores respondem sempre as mesmas coisas não será porque ouvem sempre as mesmas perguntas?*” (BARBEIRO, RANGEL, 2006, p. 21). Alguns temas sugeridos no Manual são política do esporte, *business*, defesa do torcedor e do consumidor, políticas públicas, violência e ações vinculadas à cidadania e ao terceiro setor.

O ideal seria que os veículos apostassem em matérias exclusivas, criassem pautas e fizessem reportagens mais apuradas sobre temas latentes. A televisão fechada procura fazer um trabalho mais elaborado, com reportagens especiais e até alguns documentários esportivos. Isso requer tempo e investimento. Muitas outras empresas não parecem muito interessadas em investir para sair da rotina (BARBEIRO, RANGEL, 2006, p. 26).

Iniciativa interessante de jogar um olhar crítico para a cobertura esportiva foi o convite ao jogador de futebol Ronaldo, “Fenômeno”, para participar de ¹⁸ sabatina promovida pelo

¹⁸ Sabatina realizada em 15 de maio de 2009, com perguntas do público e dos colunistas da Folha Clóvis Rossi,

jornal Folha de S.Paulo. A execução da entrevista, entretanto, demonstra que a sessão com Ronaldo foi mais um momento de conversa descontraída com o ídolo do que um debate sobre os bastidores do universo esportivo.

De acordo com o Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa, uma das definições do termo *sabatina* é “*matéria a examinar, a discutir; tese, questão, debate*”. É uma derivação, em sentido figurado, do sentido original, “*recapitulação oral de certo número de lições através de perguntas e respostas*”. Um exemplo típico de *sabatina* é a realizada por senadores antes de decidir pela aceitação de algum indicado para alto cargo na administração pública, como embaixador ou diretor de agência reguladora. Mas a pergunta que vem quase no fim da *sabatina* realizada pela Folha com Ronaldo prova que as regras de inquisição e contestação não se aplicaram à entrevista: “*Agora vamos falar de coisas que realmente interessam: você joga domingo?*”.

Apesar de bastante ilustrativo, esse não foi o único momento da entrevista a expor a falta de intenção dos entrevistadores em realmente *sabatinar* o jogador para, por meio da conversa, investigar os bastidores do mundo do futebol. Há muitos outros exemplos de boas perguntas que foram feitas sem serem seguidas de uma análise mais crítica e aprofundada do tema em questão. Logo no início da *sabatina*, Ronaldo fala das dificuldades impostas, segundo ele, pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF) ao bom rendimento da equipe que disputou a Copa do Mundo de 2006. O jogador cita a transmissão ao vivo de sessões de alongamento e de treinos como um dos elementos que prejudicaram a preparação do time. Mas, apesar do ataque direto à forma com que dirigentes exploram financeiramente a seleção sem se preocupar com o bem-estar físico e emocional dos atletas, os entrevistadores preferem investigar outro problema: a forma física (o peso) de Ronaldo naquela competição. E, assumindo claramente o papel de torcedor, um deles indaga o porquê de não ter havido “*nem*

uma magicazinha pra animar a galera” durante a Copa. Ronaldo aponta o óbvio: um jogador espetacular não pode fazer coisas espetaculares sempre, pois, se fosse fácil e corriqueiro, não seria espetacular.

A entrevista segue com perguntas sem significância para uma sessão que se pretende uma sabatina – qual o time do coração do jogador, qual a diferença entre a infraestrutura dos estádios brasileiros e europeus e a intenção de Ronaldo em voltar a jogar na Europa –, até voltar ao tema mais delicado da relação do jogador com a CBF, mais especificamente com seu presidente, Ricardo Teixeira. Ronaldo o acusa de ter duplo caráter: *“é muito fácil, na hora que se ganha, estar ali e levantar troféu, ser campeão junto com os jogadores. Na hora que perde, é fácil também pegar alguém para Cristo e crucificar essa pessoa”* (RONALDO, 15 mai 2009). Mas, novamente, a discussão sobre o assunto não tem continuidade.

A sabatina deixa, portanto, a desejar ao tocar em assuntos complexos do universo esportivo sem provocar uma discussão aprofundada sobre eles. As perguntas “Como é a vida de um garoto na Holanda? Como vivia num país tão diferente da sua origem, da sua cultura, da sua maneira de ser?” trazem a possibilidade de se discutir uma realidade muito corriqueira entre jovens promessas do futebol e que foi tratada em matéria da revista Veja de 13 de maio de 2009: a transferência desses jogadores, a maioria de origem pobre, para a Europa em idade cada vez mais tenra.

A reportagem da Veja foca a mercantilização do sistema, a transformação de jovens jogadores em *commodities*, e toca em aspectos humanos e críticos, como a dificuldade de adaptação dos atletas à realidade de outros países e a falta de interesse desses mesmos atletas em conhecer a nova cultura:

VEJA acompanhou a rotina de três jogadores que estão vivendo na Europa: Willian Borges da Silva e Guilherme Gusmão, na Ucrânia, e Breno Borges, na Alemanha. Em comum, os três ganham pelo menos dez vezes mais do que recebiam no Brasil, mantêm-se sintonizados nos canais brasileiros de TV a cabo e **mostram um notável desinteresse pela cultura local**. O atacante Guilherme chegou à Ucrânia há três meses como a mais cara contratação do Dínamo de Kiev. Ele reclama do frio e do fato de que ninguém lá “parece fazer questão alguma” de entendê-lo, ainda que o atleta não fale outra língua. O ex-corintiano Willian, um dos seis brasileiros do

Shakhtar, é um dos poucos a estudar um idioma, mas não com vistas à adaptação na Ucrânia. Ele está aprendendo inglês porque não pretende renovar o contrato com o clube de Donetsk. (COURA, 13 mai 2009, grifo nosso)

A crítica da revista à postura dos jogadores é reforçada pela comparação com Dunga e Leonardo, que se interessaram por aprender com a experiência fora e hoje têm retorno por isso. *“É por isso que, quando morei na Itália, tentei viver como um italiano, na Alemanha como um alemão, e no Japão como um japonês. (...) De certa forma, essas experiências me deixaram com a cabeça mais aberta e me ajudam a lidar com os jogadores como treinador”*, são as palavras de Dunga, hoje treinador da seleção brasileira de futebol (COURA, 13 mai 2009).

Na sabatina, Ronaldo responde à pergunta com o clichê de que, quando se tem uma paixão muito grande pelo futebol, não se escolhe lugar para jogar. Mas expõe um pouco das dificuldades com a língua estrangeira – mesmo tendo aulas, teria demorado dois anos para conseguir falar o idioma. Ao invés de investigar mais a situação dos jogadores, que não são preparados intelectual nem emocionalmente para a mudança de cultura, os entrevistadores embarcam no estereótipo: pegando carona no relato do jogador sobre o recurso de fazer movimentos com a cabeça para fingir que entendia as instruções do treinador, concluem que essa compreensão não deveria ser importante, pois se fizesse gols o treinador acharia que o jogador tinha entendido tudo. A fala deixa transparecer que o gol, o sucesso, a mágica seriam suficientes para sublimar as dificuldades. O jogador não entendia nada que o treinador dizia, mas o gol em campo resolvia todas essas deficiências, como num passe de mágica. Dessa forma, entende-se que o treinador não teria que se preocupar com a adaptação do atleta desde que ele trouxesse resultados para a equipe.

Ainda que mais crítica do que a sabatina da Folha, a matéria da Veja poderia ter dado um passo mais na exploração do viés humanista. Algumas perguntas, por exemplo, ficaram por fazer à empresa Traffic, de marketing esportivo, que criou um clube com o objetivo

declarado de formar jogadores para o mercado europeu. “*Nosso objetivo é formar e vender jogadores. Não existe paixão. Não temos torcida. É negócio*”, diz João Caetano, gerente do centro” (COURA, 13 mai 2009). Ainda segundo a reportagem, no recém-inaugurado centro de treinamento da empresa, cerca de 120 jogadores, de 13 a 20 anos, vindos de todo o País, seguem um rígido regime de horário e de treinamentos. “*Eles moram ali, com cinco colegas em cada quarto, e treinam três horas por dia, de segunda a sábado, em troca de uma ajuda de custo (160 reais, em média) e do sonho de se tornar um jogador milionário*” (COURA, 13 mai 2009).

Na fala do gerente, fica clara a percepção dos jogadores como *commodities*. O compromisso é formar jogadores vendáveis, e a educação recebe atenção minoritária, pois “*apenas os que estão em idade escolar estudam*”. A matéria não fala em números, mas se o centro é “gigantesco”, pressupõe-se um alto investimento em infraestrutura para treinamento físico, técnico e tático. O jornal não questiona, entretanto, se seria apropriado incluir na preparação desses jovens a educação formal, o ensino de línguas e mesmo noções de finanças e economia familiar, com o objetivo de subsidiá-los na provável vida de milionários no exterior. O gancho para a pergunta está no corpo da própria matéria, que revela a preferência dos clubes europeus por jovens de famílias estruturadas, que teriam mais chances de se adaptar à vida na Europa. A educação poderia contribuir para a construção desse perfil e trazer, assim, bons resultados para o negócio, além de um plano B para os jogadores.

Os entrevistadores de Ronaldo também perdem uma boa oportunidade de discutir a administração do dinheiro ganho com o futebol – que é muito, porém finito, pois a carreira é curta e pode ser interrompida a qualquer momento por uma contusão, por exemplo – ao incluir na pergunta a inquirição sobre o tamanho do patrimônio do jogador. Essa informação é sigilosa, privada e irrelevante para a discussão. Além disso, os jornalistas deveriam saber que não seria aconselhável ao jogador, por motivos de segurança, revelar a extensão de seu

patrimônio. A pergunta relevante – como jovens de origem pobre lidam com a riqueza repentina e administram seus extensos patrimônios de modo a garantir a segurança financeira após o fim da carreira – fica, portanto, sem resposta, pois Ronaldo sente-se acuado com a desnecessária invasão de privacidade.

Em outro momento, perde-se novamente a oportunidade de explorar a necessidade de formar os jovens jogadores como cidadãos e não apenas como produto lucrativo. Ronaldo fala de sua relação de liderança com os companheiros de equipe menos experientes. Ele dá o exemplo da despreocupação dos mais jovens em falar o português corretamente: *“muitos jogadores falam errado e sou criticado pois fico corrigindo palavras. Eles falam: 'não, nós é do morro mesmo, nós fala errado'. Mas a gente tenta ajudar da melhor maneira”* (RONALDO, 15 mai 2009). Uma forma possível de explorar melhor o assunto seria questionar Ronaldo sobre a percepção dos dirigentes em relação a essa necessidade, que ele avalia importante, de preparar melhor os jogadores para a vida fora de campo. E sobre sua disposição em utilizar sua proeminência no universo do futebol para advogar essa causa para as pessoas com poder de decisão.

O tema da formação do jovem atleta está relacionado ainda à preparação para o fim da carreira. A sabatina da Folha termina com a pergunta “O que pretende fazer após deixar de ser jogador?” Ronaldo fala da angústia que sente ao pensar sobre o momento em que terá que parar e cita as muitas despedidas de Michael Jordan e Zico como exemplos da dificuldade que atletas enfrentam em abandonar o esporte. Sua ideia é ficar um bom tempo sem fazer nada, só relaxando. Novamente, a pergunta é boa, mas não toca no ponto mais importante, a preparação dos jogadores para a vida pós-futebol. Ronaldo pode ficar muitos anos sem fazer nada porque tem dinheiro suficiente para isso, mas, ainda assim, terá que arranjar ocupação, pois hoje tem apenas 33 anos de idade. Por mais atrativa que pareça a ideia de viver o resto da vida no ócio milionário, a pessoa acostumada à intensidade da vida de atleta e a receber

atenção de celebridade pode ter problemas para se adaptar a uma rotina sem a mesma pressão e demanda. Além disso, há que se pensar nos jogadores que param sem a condição financeira para ficar sem trabalhar pelo resto da vida. Mais uma vez, os entrevistadores não aproveitam as deixas do jogador para explorar temas sensíveis do esporte.

2.2 O caso Jade Barbosa

Na opinião do repórter Antonio Carlos Fon, entrevistado por Sequeira, o jornalismo investigativo é mais uma técnica do que um tipo de jornalismo. Defendendo que pode ser aplicada a todas as áreas, ele cita nominalmente o jornalismo esportivo. A análise a seguir busca verificar a profundidade e a capacidade crítica da cobertura do caso Jade por três veículos brasileiros: Globoesporte.com¹⁹, Folha de S.Paulo²⁰ e Correio Braziliense²¹. O Correio foi escolhido pelo fato de a pesquisa ter sido conduzida na Universidade de Brasília; a Folha, por seu suposto perfil mais crítico, e o Globoesporte.com, pelo fato de a versão eletrônica facilitar o acesso a um relevante noticiário esportivo especializado da televisão.

Os textos analisados foram selecionados por meio de busca no *site* dos veículos – no caso da Folha e do Correio, a busca foi realizada no arquivo das versões impressas – com o nome Jade Barbosa. Material das revistas semanais CartaCapital e Veja foi utilizado para enriquecer a discussão. Veículos especializados em esportes, como ESPN e SporTV, não entraram no *corpus* por terem um alcance menor – o Brasil contava, em 2009, com cerca de sete milhões de assinantes de TV por assinatura²² –, ainda que possivelmente tenham mais tempo e recursos para uma investigação mais aprofundada. A ideia, portanto, era verificar o discurso daqueles veículos que estão mais facilmente disponíveis à população.

19 Pesquisa realizada em 4 de junho de 2009.

20 Pesquisa realizada em 26 de janeiro de 2009.

21 Pesquisa realizada em 2 de abril de 2009.

22 Dados da Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel)

A ginasta Jade Barbosa era considerada, em 2008, a grande promessa de medalhas para o Brasil nos Jogos Olímpicos de Pequim. Segundo Cristiano Pombo²³, repórter da Folha de S.Paulo especializado em ginástica artística, Jade foi a primeira atleta do mundo a executar o movimento criado por Daiane dos Santos, o “Dos Santos”. Isso aos 13 anos de idade. Aos 16, já acumulava resultados significativos em competições internacionais. Pombo afirma que a atleta tinha elementos técnicos que permitiam considerá-la uma das três melhores do mundo na prova de salto.

Entretanto, Jade terminou os Jogos da China sem medalhas. Obteve, ainda assim, resultado inédito para o Brasil, o 10º lugar individual geral, o que a colocou entre as 10 melhores e mais completas ginastas do mundo. Em suma, apesar da conquista inédita, Jade não realizou, naquela competição, tudo que se esperava dela e que, segundo Pombo, ela era capaz de executar.

Após os Jogos, a imprensa começou a publicar depoimentos em que o pai da atleta, César Barbosa, acusava a Confederação Brasileira de Ginástica (CBG) de negligência no tratamento de uma lesão no pulso da filha, que teria prejudicado seu rendimento na competição. A cobertura desse episódio – a contusão no punho da ginasta Jade Barbosa e o desentendimento público entre o pai da atleta e a CBG – foi o foco da análise aqui realizada.

Por meio da Análise de Discurso, buscou-se avaliar o tratamento dado ao assunto pelas matérias publicadas, verificando se poderiam ser consideradas, segundo a classificação de Rowe, como “orientadas ao problema”. O conceito de orientação ao problema, explica Rowe, é útil para verificar se a cobertura esportiva é predominantemente despolitizada, com relatos banais destinados a entreter apenas, ou se possui uma tendência ao engajamento jornalístico crítico. O autor entende que a ausência de orientação ao problema indica uma imprensa esportiva pouco inquisidora, pois não estaria problematizando os impactos sociais do esporte

23 Em entrevista à autora, realizada no dia 27 de junho de 2009 em São Paulo

de competição. Ao invés de buscar respostas para problemas que transcendem o dia-a-dia do esporte, a cobertura estaria centrada apenas em relatar resultados e desempenhos de atletas ou equipes em competições mais relevantes. Matérias orientadas ao problema seriam aquelas, portanto, em que se encontra um viés mais crítico, analítico, investigativo.

Outra perspectiva que serviu de parâmetro para análise foi a de reportagem investigativa interpretativa, proposta por Kovak e Rosentiel. Citados por Sequeira, os pesquisadores classificam os formatos de reportagens investigativas em original e interpretativo. O primeiro envolve os repórteres na descoberta e documentação de atividades desconhecidas do público. Eles podem utilizar táticas similares ao trabalho policial, saindo à procura de informações, documentos públicos, informantes, chegando a métodos secretos, “sub-reptícios” de monitoração. Mas mais interessante e mais adequado ao contexto do jornalismo esportivo talvez seja o segundo, que, ao invés de centrar-se na revelação, na informação inédita, resulta de cuidadosa reflexão de uma ideia. Põe-se em busca de fatos, reunindo informação num novo e mais completo contexto, que fornece ao público um melhor entendimento da situação. “*Revela uma nova forma de olhar um acontecimento, uma acusação, além de novas informações sobre o assunto*” (SEQUEIRA, 2005, p. 30).

Rowe não apresenta, em seu artigo, critérios objetivos para a classificação das matérias em orientadas ou não ao problema. Dessa forma, optamos aqui por não classificar cada matéria individualmente, mas apresentar uma análise da cobertura como um todo. Os elementos encontrados nos permitiram concluir que não houve engajamento crítico, ficando a abordagem centrada no bate-boca entre a CBG e o pai de Jade, sem apuração, por parte dos noticiários, das acusações oferecidas pelas partes. Não houve também apuração dos fatos suficiente para oferecer ao leitor uma visão mais completa do universo do esporte. Ainda que a troca de acusações permita uma série de perguntas sobre a forma como o esporte é conduzido no Brasil e sobre o tratamento oferecido às atletas por técnicos, médicos, dirigentes

e pelos próprios pais, elas não são abordadas pelos noticiários. A gravidade da lesão sofrida pela jovem atleta – Jade tinha 17 anos à época – suscita, por exemplo, discussão sobre carga de treinamento, limitações físicas, saúde e bem-estar de esportistas de alto rendimento. Mas os veículos tendem a tratar com naturalidade a ocorrência de lesões em atletas de competição, ainda que tenham características atípicas – como degeneração óssea equivalente a uma pessoa de 50 anos numa atleta de 17 – ou que prejudiquem os resultados do País em competições internacionais.

Correio Braziliense

A busca no site do Correio Braziliense encontrou 14 textos sobre a contusão no punho de Jade, publicados entre 5 de setembro de 2008 e 26 de março de 2009 (cinco matérias, sete notas e duas referências em colunas). A marca da cobertura feita pelo jornal – assim como a dos outros dois veículos analisados – é o bate-boca. Os textos, em geral, são curtos, notas apenas, e não fazem mais do que reproduzir as falas do pai da atleta, César Barbosa, e de representantes da CBG. A atleta estaria, segundo o jornal, proibida pelo Flamengo, clube que defendia à época, de dar entrevistas.

Os verbos garantir, rebater e dizer revelam o bate-boca:

A direção da Confederação Brasileira de Ginástica (CBG) **garantiu** ontem, em entrevista coletiva em Curitiba, que não foi escondida de Jade Barbosa a lesão que ela tem no punho direito, diagnosticada pelo departamento médico da entidade, em janeiro. Os dirigentes **rebateram**, assim, as declarações do pai da ginasta, César Barbosa. (...) O pai **disse** que a atleta reclama de dores desde janeiro, mas que ninguém foi informado sobre qualquer diagnóstico (CORREIO BRAZILIENSE, 13 set 2008, p. 47, grifo nosso).

No trecho acima, o jornal reproduz a troca de acusações sem questionar a real importância de se identificar em que momento a atleta foi informada sobre o diagnóstico. O ponto principal a ser discutido é o que fez com que Jade chegasse às Olimpíadas com uma lesão grave no punho, em estado crítico de dor e tomando medicamentos, o que a teria impedido de ter um bom desempenho. “*Como eu te falei, ela tinha elementos que só ela e*

outra atleta tinham. Ela não conseguiu fazer esses elementos. Porque, segundo ela, ela não tinha força física pra fazer e não conseguiu porque estava dopada de remédios contra a dor” (informação verbal)²⁴.

Na fala da CBG, a atleta sabia de sua lesão e teria competido por vontade própria. Mas o jornal reproduz o discurso sem questionar essa transferência de responsabilidade para uma atleta menor de idade. O treinamento era feito em regime de concentração – a seleção brasileira de ginástica treinava à época em Curitiba (PR), e a família de Jade morava no Rio de Janeiro (RJ) – e, segundo entrevista com a atleta veiculada no Globoesporte.com, teria havido um contrato entre o pai e a Confederação colocando a jovem sob responsabilidade da CBG. Além disso, o jornal não parece questionar se faria sentido deixar para a atleta todo o peso da decisão sobre competir ou não, retirando-o das mãos das equipes técnica e médica da seleção, montadas com essa função.

Ainda que a decisão pudesse ser apenas da atleta, o discurso de treinadores, dirigentes e ginastas – reproduzido no jornal – demonstra que a decisão não seria feita com vistas a manter a saúde da atleta. Os trechos a seguir trazem falas de Jade que ilustram a pressão existente no meio esportivo para a superação de limites, principalmente físicos. “*Sempre reclamava de dores para a comissão técnica e para o Namba, mas eles apenas me davam um antiinflamatório e diziam que era **frescura minha***” (CORREIO BRAZILIENSE, 16 set 2008, p. 46, grifo nosso). “*O médico (Mário Namba) afirmava que eu tinha uma tendinite, não acreditava em mim. Dizia que eu **estava de manha***” (CORREIO BRAZILIENSE, 13 jan 2009, p. 28, grifo nosso). Nesses dois trechos, verifica-se que a dor está associada à fraqueza, percepção que contribuiria para a atleta adotar o discurso contrário, da força: “*Não me foram passados os detalhes, mas eu competiria de qualquer jeito*” (CORREIO BRAZILIENSE, 15

24 Cristiano Pombo, jornalista esportivo especializado em ginástica artística, em entrevista à autora em 27 de junho de 2009.

set 2008, p. 29). O mesmo discurso está presente na cobertura feita pelo Globoesporte.com, em matéria sobre contusão de Laís Souza, outra ginasta da seleção brasileira:

Laís garante ter competido em Pequim consciente da lesão no joelho direito que a levou a passar por uma cirurgia. (...) “É um pouquinho de tudo que a gente vai forçando. Conheço vários atletas de outros esportes e eles também se acabam. É muito difícil treinar, treinar, para chegar nas Olimpíadas e desistir” (GLOBOESPORTE.COM, 2009).

Segundo Orlandi (1992), por processos complexos de nossa relação com o dizível, acabamos deixando de formular e mesmo de reconhecer certos sentidos. “*E diria mesmo que é mais fácil responder à autoridade visível que à autoridade que não diz seu nome e que se forma nos limiares mais complexos de nossa relação ao dizível*” (ORLANDI, 1992, p. 109). Trata-se do “*historicamente não-dizível*”. Ao saber que será acusado de fraqueza caso reclame de dor, o atleta acaba deixando que a contusão se agrave ao limite do insuportável antes de decidir parar – ou de ser obrigado a parar. O relato de Mariana Alves Cassemiro²⁵, que, aos 17 anos, atuava em equipe profissional de vôlei e na seleção brasileira juvenil, ilustra a forma como esse discurso é incorporado por atletas de alto rendimento. Na preparação para um torneio com a equipe adulta do clube em que jogava, passou a ser muito exigida na função de atacante por falta de outras jogadoras para revezar com ela na posição durante os treinos. “*Fiquei na pressão (...) então eu fui aguentando até o meu máximo. Daí chegou um ponto que eu não aguentava nem levantar o ombro mais*” (informação verbal). Mariana diz não ter revelado a dor antes de chegar ao ponto crítico por dois motivos: medo de ouvir do técnico que ela não deveria reclamar de uma “dorzinha” e o receio de ficar parada e perder uma oportunidade de jogar.

Você está ali lutando pela tua vaga. Então você mesmo quer. Não é nem o técnico, você quer relevar a sua dor, para não perder a posição que você está ali para ganhar. Então você mesma tenta, esquece a dor, vamos para frente. Daí se você fala para o técnico, o técnico também vai falar, esquece a dor e vai, treina (informação verbal)²⁶.

25 Em 2004, à época da entrevista à autora, atuava como jogadora de vôlei profissional e da seleção brasileira juvenil.

26 Mariana Cassemiro, atleta de voleibol, em entrevista à autora em 9 de outubro de 2004; à época com 17 anos.

Para Magnane, essa lógica se explica pelo fato de o esporte ser entendido como “*a afirmação triunfal da juventude e da sua lei, que é viver com uma prodigalidade louca, renovando a cada prova decisiva a lenda da Fênix, símbolo ao mesmo tempo do ato criador e do esforço do atleta procurando superar-se*” (MAGNANE, 1969, p. 93). O que se percebe nas falas citadas é que isso é vivido ao pé da letra por atletas modernos, incentivados por treinadores e dirigentes. E, enquanto o corpo tiver condições de se regenerar, sozinho ou com o apoio de cirurgias e medicamentos, o princípio será mantido.

Mesmo quando a temática da matéria sugere a orientação ao problema, o texto acaba sendo superficial, deixando de fazer as perguntas necessárias. Ainda que não trate como tema principal o caso de Jade, a matéria “Daiane faz cirurgia de joelho pela quarta vez”, publicada pela Folha de S.Paulo em 21 de outubro de 2008, vale ser tratada aqui por trazer uma retranca dedicada ao problema, corriqueiro no esporte, da falta de tempo para recuperação de contusões. O título “Recuperação parcial expõe ginastas” sugere uma pauta focada na saúde do atleta, mas a matéria não elabora questionamentos.

As repetidas cirurgias de Daiane no joelho têm, segundo o técnico Raimundo Blanco, uma **explicação bastante simples**. ‘Ela não consegue ter uma recuperação prolongada, pois assim que recebe permissão do departamento médico para voltar aos treinos, já tem de forçar o joelho’, diz” (FOLHA DE S.PAULO, 21 out 2008, grifo nosso).

Isso porque seu principal aparelho é o solo, que exige muito do joelho. A explicação é simples: para a atleta competir, precisa do joelho; logo, assim que ele retoma condições mínimas, ela volta a forçá-lo. O jornal parece aceitar essa lógica sem questionar se ela não levaria à exaustão do corpo da atleta. Um questionamento possível seria em torno da relação custo-benefício entre dar o tempo necessário à recuperação, permitindo uma sobrevida maior no esporte, ou antecipar o retorno para evitar desfalques em torneios internacionais. Em outras palavras, discutir se o melhor para o esporte nacional é ter a atleta de ponta por pouco

tempo, explorando todo seu potencial num curto período, ou tê-la por mais tempo, ainda que com participação em menos competições.

Em matéria do Correio, a técnica Georgette Vidor, à época fora da seleção, mas agora de volta à CBG, reforça a ideia de que é do atleta o dever de informar a comissão técnica sobre suas condições físicas. *Segundo ela, nenhum treinador é irresponsável de levar um atleta sem condições. 'Ele quer vencer, não tem por quê'. (...) 'Mas o atleta precisa dar o feedback. Senão o técnico não tem como saber'"* (CORREIO BRAZILIENSE, 4 out 2008, p. 43). Em outras palavras, a treinadora defende que não há pressão sobre o atleta para que compita com dores e, se ele não reclama, a equipe técnica entende que tem condições de competir. No caso específico de Jade, segundo a fala de Georgette reproduzida pelo jornal, ela não teria reclamado das dores, logo, deveria estar saudável. Georgette exime, assim, a equipe técnica da responsabilidade pelo fato de Jade ter competido machucada. E, como não competiu bem, a técnica conclui que a atleta fez corpo mole: *“Se ela [Jade] não se motivou com a possibilidade de uma medalha olímpica, vai se motivar com o quê?”* (CORREIO BRAZILIENSE, 4 out 2008, p. 43). O jornal repercute as críticas da treinadora sem atentar para uma incoerência. A mesma matéria trata como confirmada a gravidade da lesão no punho da ginasta. Então, a motivação só serviria para que Jade superasse as limitações físicas impostas pela lesão e pelos medicamentos. Tentativa que foi feita – a atleta participou dos Jogos mesmo sentindo fortes dores –, mas produziu apenas resultados negativos – apesar da classificação inédita (10º lugar individual geral), seu desempenho foi considerado abaixo do esperado, e a atleta, após os Jogos, enfrentava a possibilidade de ter de abandonar a ginástica por causa da lesão.

Citando o médico da CBG, Mário Namba, o jornal explica que a atleta apresentou dores em dezembro de 2007, foi diagnosticada em janeiro de 2008 com uma lesão “rara”, em que *“não há consenso sobre o que é melhor fazer, se um tratamento conservador ou*

cirúrgico”, e passou por tratamento com analgésicos e antiinflamatórios, gelo e dois meses de moderação na parte física. A partir de então, segundo a narrativa do jornal, parece que a decisão sobre a participação da atleta em competições se baseou no fato de ela reclamar ou não de dores. Essa é, de fato, a tese de defesa da CBG das acusações do pai da atleta: “A entidade nega as acusações e garante que a atleta participou normalmente das competições porque não reclamou de dores” (CORREIO BRAZILIENSE, 15 set 2008, p. 29).

Segundo Cristiano Pombo, que acompanhou todo o caso, Jade tinha completa noção da dor que sentia, mas não sabia o que essa dor acarretava. Tinha consciência de que estaria relacionada ao esforço, mas não que esse esforço tinha comprometido um ponto do punho fundamental para a execução dos movimentos (de acordo com o jornalista, que conversou com diversos médicos, houve necrose em um dos ossos do punho da atleta. Devido ao esforço repetido, a lesão passou de tendinite para inflamação, infecção e necrose. Isso significa que o osso enrijeceu. Desse modo, quando a atleta fazia o movimento de rotação – o giro é fundamental para a execução de exercícios nos aparelhos de ginástica –, o osso raspava em outras partes do punho e causava dor). Pombo defende que a CBG utilizou o conhecimento incompleto de Jade sobre sua situação para se eximir da responsabilidade pelo fato de a atleta ter competido sem condições. “Uma menina de 17 anos que tem, vamos dizer assim, todas as autonomias de uma vida para tomar uma decisão, ela vai optar pelo quê? Ah, eu vou esperar quatro anos por causa de uma dor no punho? Não, eu vou arriscar e vou” (informação verbal)²⁷. O que revela, mais uma vez, a pressão para a superação de limites. “Olha, Jade, Olimpíada é de quatro em quatro anos. Você está com dor ou você quer competir? Ela vai falar que quer competir” (informação verbal)²⁸.

27 Cristiano Pombo, jornalista esportivo especializado em ginástica artística, em entrevista à autora em 27 de junho de 2009.

28 Cristiano Pombo, jornalista esportivo especializado em ginástica artística, em entrevista à autora em 27 de junho de 2009.

Segundo Traquina, alguns elementos que são noticiáveis por se encaixarem no critério da notabilidade são o inesperado, o insólito, a falha, a fuga ao padrão. A noticiabilidade do caso Jade está clara, por se tratar de uma atleta de ponta – a notoriedade é outro critério comum – e pelo inesperado das acusações contra a entidade responsável pela prática da ginástica artística no Brasil, esporte que vem crescendo em popularidade desde os bons resultados obtidos por ginastas como Daiane dos Santos, Daniele Hipólito e Diego Hipólito. Mas o realmente insólito fica sem explicação, não é explorado em seu contexto, em suas raízes, pois a cobertura se restringe ao fato, sem chegar à problemática. Perguntas sobre as condições que levaram à contusão não são feitas, e o discurso indica que a razão para tanto está no entendimento de que o treinamento exaustivo e desgastante, que traz em si o risco à contusão, é inerente à prática de esportes em alto nível e não há razão para se questionar algo que é natural da profissão.

Essa percepção fica clara na forma como os três noticiários apresentam a lesão no punho da ginasta. Em geral, os noticiários se referem a “uma grave lesão no punho direito”, uma “necrose no capitato, pequeno osso que fica no meio da mão”. O Globoesporte.com publica um detalhado infográfico, com os nomes dos ossos da mão e do punho, mas não explica, assim como os textos dos três veículos, o que significa ter um osso necrosado, como se chega a uma lesão tão grave, ou como ela atrapalha os movimentos da atleta. A informação de que a idade óssea corresponderia à de uma pessoa de 50 anos é apresentada sem mais explicações, como se fosse natural para uma atleta adolescente apresentar sinais de 30 anos de desgaste extra. Em algumas situações, os noticiários chegam a fazer a correlação entre a contusão e o esforço repetitivo e intenso, mas ela aparece como um dado, uma condição do esporte, algo naturalmente aceito por atletas, treinadores. E por jornalistas, nos parece, dada a falta de ponderação sobre a evolução do quadro da atleta para uma situação tão extrema. Nenhuma fonte ou tentativa de apuração dos fatos anteriores às Olimpíadas é apresentada

pelos noticiários, que se contentam em reproduzir a fala da CBG de que a atleta recebera tratamento adequado e de que chegara a Pequim em condições de competir. Em vários textos do Globoesporte.com, principalmente, a contradição entre o que a CBG diz e o que os exames mais recentes demonstram fica patente. Se a exposição de uma incoerência pode ser utilizada como recurso de abordagem crítica, todas as outras marcas encontradas pela análise dos textos nos indicam que essa não era a proposta dos noticiários.

Fato aparentemente absurdo e que não é investigado pelos noticiários é a denúncia de Jade sobre a proibição de beber água durante os treinos. Folha de S.Paulo e Globoesporte.com publicam um texto cada sobre o assunto. O Correio Braziliense não chega a mencioná-lo. No Globoesporte.com, o fato é noticiado de forma banal, sem o mínimo de investigação complementar. Na matéria, a informação não está no título, nem no *lead*, é apenas enxertada numa outra fala de Jade:

“Eles diziam que eu tinha uma inflamação e falavam: ‘Não é possível que doa tanto’. Não acreditavam no que a gente dizia, porque o médico falava que a gente não tinha nada. Então, diziam que estávamos de manhã”, contou ela, que tem pedras nos rins e disse ter sido proibida de beber água durante a concentração no CT de Curitiba (GLOBOESPORTE.COM, 2009).

O texto da Folha expõe o problema de forma mais clara, mas sem superar o bate-boca, pois traz apenas a fala da atleta (em matéria seguinte, publica as respostas da CBG).

E problema nos rins é outro ponto em que a atleta ataca a CBG. “Não podíamos tomar água. Era proibição dos técnicos. Podíamos no máximo dar borrifadas de uma garrafinha com spray na boca, tentar refrescar o corpo, mas, ainda assim, isso era feito escondido”. Para ela, a medida, que vigora desde que chegou à seleção em 2005, pode ter desencadeado seu problema de pedras no rim. “Quando tive crise renal e pedras nos rins, fui orientada pelo médico a tomar 1,5 litro de água por dia, mas tive restrições e tinha que ouvir piadas: ‘Lá vai a Jade tomar a aguinha!’. E, se pedia água, davam quente, esquentada no microondas, e eu não conseguia tomar. No Japão, no desespero, porque fechavam o registro do filtro, tomei a água do chuveiro. Hoje tenho cinco pedras nos rins” (FOLHA DE S.PAULO, 12 set 2008).

Neste ponto, vale retomar a preocupação de Rowe sobre a ausência de fontes especializadas para tratar de questões sociais que extrapolam o universo do esporte. Trata-se de uma profissional menor de idade denunciando o que parece ser abuso físico e moral por

parte do empregador. Ao não extrapolar a simples denúncia, o jornal parece colocar a proibição no bojo dos “ossos do ofício”, reforçando o discurso de que o sacrifício é inerente à prática de esportes em alto nível. Discurso esse presente também em texto do Globoesporte.com, em que Patrícia Amorim, vice-presidente de esportes olímpicos do Flamengo, clube de Jade, comenta a lesão da atleta: *“Nunca foi falado que ela não poderia mais competir. O que se fala é que é uma lesão muito grave e que, dependendo, ela vai ter que conviver com as dores para o resto da vida”* (GLOBOESPORTE.COM, 2008, grifo nosso).

Globoesporte.com

A pesquisa no site do Globoesporte.com retornou 41 textos sobre o caso Jade, veiculados entre 14 de junho de 2008 e 4 de junho de 2009. Assim como transparece da narrativa do Correio, a avaliação da própria atleta sobre seu grau de dor parece ser o principal fator na decisão sobre sua participação em competições. *“Nós temos várias declarações da Jade, principalmente depois da competição de Cottbus (Alemanha), onde ela diz que o problema que teve no punho melhorou muito e não estava sentindo mais nenhum problema - disse a supervisora da seleção, Eliane Martins”* (GLOBOESPORTE.COM, 2008).

Para além do fogo cruzado entre CBG e César Barbosa, o noticiário apresenta, de factual, apenas os resultados de exames realizados após os Jogos, e não investiga a evolução da contusão e o histórico do tratamento dado à atleta. De fato, a própria percepção da gravidade do problema muda à medida que a cobertura avança, ficando cada vez mais séria. Em 27 de agosto, três dias apenas após o fim dos Jogos Olímpicos, a matéria apresenta a contusão de forma secundária e anedótica: *“A ginasta deve voltar ao trabalho ainda esta semana, mas uma conjuntivite no olho esquerdo adiou o fim das ‘férias’ para a próxima segunda-feira. Além de se recuperar, ela fará exames no punho direito, que machucou no*

início deste ano” (GLOBOESPORTE.COM, 2008). Quatro meses depois, o noticiário já fala da contusão como “gravíssima”, “degenerativa” e “irreversível”.

Na retranca “Entenda aqui o caso Jade”, publicada em 27 de dezembro de 2008, o noticiário se refere a uma “lesão no punho direito” constatada no início daquele ano. Cerca de três meses antes, entretanto, já havia publicado o diagnóstico de osteonecrose do capitato, que teria sido feito em janeiro pelo médico da seleção mas classificado como grave apenas na fala de outro ortopedista, que examinou Jade após as Olimpíadas. Com o diagnóstico em mãos, é provável que o médico da seleção soubesse também da gravidade do problema. Porém, segundo o histórico do noticiário, “a *ginasta participou da etapa de Cottbus da Copa do Mundo para avaliar se a dor ainda atrapalhava seu desempenho*”. Coerente com a prática de levar atletas para competições antes da total recuperação, fato que o noticiário não questiona é a decisão consciente de testar, em um torneio internacional, os limites de dor da atleta contundida.

Além do bate-boca, o noticiário faz “fofoca” também. No texto “Em seu site, Jade Barbosa defende a superação da dor durante o treinamento”, o jornal deixa de explorar distorções reais levantadas pela atleta – como a de pais que transferem seus sonhos e expectativas para os filhos, levando jovens atletas a se colocarem na obrigação de superar limites para satisfazê-los –, e prefere destacar a contradição entre o que o pai diz e o que a atleta defende, sem se preocupar em contextualizar o momento de cada fala. Enquanto Jade apenas repercute o discurso corriqueiro da superação de limites, o pai acompanha a contusão da filha e, ainda que não se saibam quais suas reais motivações – Cristiano Pombo chega a duvidar delas –, está diante de indícios de excessos e busca que o tratamento adequado seja ministrado à atleta.

Folha de S.Paulo

A pesquisa no arquivo da Folha retornou apenas 10 textos com referência ao caso Jade Barbosa, publicados no período de 12 de setembro a 22 de outubro de 2008. Mais enxuta, a

cobertura do jornal também não extrapola a troca de acusações entre as partes. No dia 12, publica matéria com todas as acusações de Jade e, no dia seguinte, as respostas da CBG. O tom de bate-boca é reforçado por retranca do dia 12 intitulada “Família e CBG têm problemas há três anos”, em que o jornal resgata outras trocas de acusações entre a instituição e o pai da atleta. Enquanto uma leitura desinformada possibilita a interpretação do texto complementar como um reforço das acusações contra a CBG, a conversa com o repórter abre outra possibilidade – a de construção de perfil de encrenqueiro para o pai. De qualquer jeito, o novo texto não oferece ao leitor fatos relacionados aos problemas apontados pela atleta, apenas embaralha o contexto em que as acusações são feitas.

Apesar de ressaltar no texto que a acusação de Jade contra a CBG foi revelada pela Folha, o jornal volta a tratar a contusão de forma corriqueira. Somente um mês depois, em 15 de outubro, a lesão da ginasta volta a ser tema de matéria, que trata também de contusão sofrida por Laís Souza e da possibilidade de ambas ficarem fora de importante competição internacional. O jornalista que assina a matéria é Cristiano Pombo, com quem esta autora conversou. Ele tem profundo conhecimento dos bastidores da ginástica artística no Brasil e apresenta forte criticismo a algumas práticas da CBG. Ao comparar a postura conformista de Laís com a acusatória de Jade, o repórter parece sugerir uma leitura crítica do texto, mas essa intenção fica um pouco embaçada pela naturalidade com que apresenta as lesões da atleta. Segundo o texto, Laís se submeterá a uma artroscopia, para retirar pedaços de cartilagem do joelho direito, e “*convive com sequelas de uma fissura no pé direito*”. Mais uma vez a ruptura, o incomum, como a existência de fragmentos de cartilagem no joelho de uma adolescente de 19 anos, parece passar por corriqueiro na narrativa do jornalismo esportivo.

Capítulo 3

Ponderações sobre os não ditos do esporte

Marshall critica o despreparo dos jornalistas para atuarem como críticos sociais e políticos. E apresenta algumas causas: tendência à simplificação no exercício jornalístico; falta de conhecimentos técnicos; falta de reflexão e sossego necessários ao trabalho crítico; falta de atitude judiciosa e equilibrada. Neste capítulo, buscarei analisar outras razões para a ausência de criticismo na cobertura esportiva.

Em um exercício de análise sobre a possibilidade de aplicação dos princípios do jornalismo investigativo ao jornalismo esportivo, comparei as rotinas produtivas seguidas pelo repórter Cristiano Pombo²⁹ com algumas etapas da reportagem investigativa propostas por Lage (*apud* SEQUEIRA, 2005):

- Conceção, decorrente de diversos estímulos: pequenos fatos inexplicáveis ou curiosos, pistas dadas por informantes ou fontes regulares, leituras, observação

Um exemplo de ponto de partida para uma investigação foi uma cirurgia a que se submeteu a ginasta Daiane dos Santos. O furo fora dado pelo jornalista: Daiane havia operado o joelho, mas havia escondido o fato da imprensa para evitar especulações sobre suas condições de competir. As perguntas suscitadas pela notícia instigaram o repórter a continuar sua investigação e descobrir como ela fez uma cirurgia escondida; quem fez essa cirurgia; quem participou, como foi o pós-operatório. Pombo conta que Daiane foi para a cirurgia escondida – deitada no banco de trás de um táxi, de peruca, óculos escuros e chapéu – e entrou pela porta dos fundos do hospital.

²⁹ Em entrevista à autora em 27 de junho de 2009.

- Familiarização com o assunto: pesquisa e consulta a fontes secundárias

Pombo explica que cultivava um universo de fontes muito mais amplo do que o de atletas, treinadores e dirigentes para compor suas matérias sobre a ginástica artística. No caso da cirurgia de Daiane, chegou a conversar com o taxista da praça próxima à CBG, que teria confirmado que a ginasta teria mesmo saído escondida para o hospital.

Para ele, existem sempre dois lados da história e uma plateia que acompanha esses dois lados. Em outro caso, relacionado à lesão no punho de Jade, ele explica que a plateia era todo mundo que a cercava: as colegas, as dirigentes que conviviam com ela no centro de treinamento, o pai, os patrocinadores, a pessoa que cuidava da casa de Jade em Curitiba, árbitros de sua época de amadora. *“Enquanto eu não escuto esses três lados da história eu não sei fazer um julgamento preciso”* (informação verbal)³⁰. A plateia, explica, ajuda-o a traçar o perfil da atleta e do contexto em que vivia. Ao todo, Pombo diz ter cultivado mais de 50 fontes para compor o cenário da ginástica artística brasileira.

- Ação: ouvir fontes e consultar documentos

Pombo diz ter tido algumas dificuldades para realizar o trabalho investigativo, de coleta de documentos para demonstrar os fatos ao leitor. Segundo o jornalista, médicos se recusaram a avaliar a condução do caso de Jade pelo responsável da seleção, alegando ser essa uma atitude antiética. Também não conseguiu acesso às radiografias da atleta, aos exames que provavam que estava lesionada. *“Eu tenho fontes que me disseram que viram o médico expondo em pleno ginásio, falando ‘Oh, está feia a situação’, mas eu não tenho as radiografias. Eu não tenho, eu não fui no escritório, dar uma de policial, ir lá e ver”* (informação verbal)³¹. O fato de estar na redação em São Paulo, distante dos fatos, em Curitiba, era também um elemento limitador, segundo o jornalista. *“A gente apresenta uma faceta. Não é a faceta que eu quero. É a faceta que eu investiguei. Esse é o que temos que*

30 Idem

31 Cristiano Pombo, jornalista esportivo especializado em ginástica artística, em entrevista à autora em 27 de junho de 2009.

passar para o leitor. Eu só não consegui dar a noção da realidade total porque eu não consegui incriminar o médico” (informação verbal)³².

- Reavaliação: preencher os vazios de informação

O repórter aponta algumas lacunas que não conseguiu preencher para que pudesse contar toda a história de Jade aos leitores:

Você não consegue passar para o leitor, por exemplo, que a Jade vivia numa prisão. A não ser que tenha as atletas falando em on que aquilo era uma prisão. Agora, eu vou falar com as atletas, e nenhuma vai falar mal da CBG enquanto estiver lá. Por isso que a história não tem tanta credibilidade se eu soltar. Eu tenho 33 atletas que passaram pela CBG, eu falei com 27. Todas bateram na CBG de alguma forma, mas todas já saíram de lá. Eu não tenho nenhuma de dentro que me fale “Isso aqui é uma prisão”. A partir do momento que eu tiver essa, eu solto as outras 27 (informação verbal)³³.

- Publicação

Pombo explica que, mesmo após toda a investigação sobre a cirurgia escondida de Daiane, conseguiu reconstruir a história, mas ficou sem o mote para publicá-la.

Eu tinha, mas por que eu ia contar a história da Daiane, que fez tudo isso, e não ia contar a história da menina que torceu o tornozelo e ninguém falou nada? Por que a Daiane é diferente dela? Eu precisava de um motivo. Eu tive que esperar quatro anos, para a Daiane ir para as Olimpíadas de novo, perder e eu contar aquilo lá, numa análise (informação verbal)³⁴.

3.1 O que está por dizer

O estudo do caso Jade Barbosa evidenciou a falta de profundidade na cobertura feita pelos três veículos analisados. O relato do jornalista Cristiano Pombo demonstra um bom trabalho de investigação por parte desse profissional, ao revelar, com detalhes, situações vividas pela atleta que fugiram ao olhar da cobertura em questão.

Apesar de longa, a reprodução da fala do jornalista é fundamental para estabelecer a diferença entre o que se sabe e o que se diz sobre o esporte, discussão que será feita em

32 Idem

33 Idem

34 Idem

seguida. Entrecortando o relato, inseri ponderações sobre o esporte de alto rendimento no Brasil, feitas com base na experiência pessoal como atleta e em entrevistas realizadas em 2004 para a produção de monografia de conclusão do curso de graduação em Jornalismo. O intuito desse diálogo é trazer mais elementos para configurar esse outro lado do esporte, que é bem menos conhecido da população em geral.

Eu conheço a Jade desde que ela era uma futura grande atleta, então desde os 13 anos. Ela despontou quando tinha 16, 17, mas eu a acompanho desde os 13 anos. A primeira matéria que eu dei dela é de 2003 ou 2004. Quando a Daiane ganhou o campeonato mundial em 2003, a Daiane criou um movimento que era o duplo twist carpado, o chamado “Dos Santos”. Só que então a Daiane era a única a fazer no mundo esse tipo de movimento. E a primeira a fazer no Brasil foi a Jade; e a segunda no mundo. Ela tinha 13 anos. Isso me chamou a atenção, porque acompanho a ginástica. Na época era conhecida como a prodígio que sofria com a perda da mãe, que tinha falecido poucos anos antes de aneurisma. Era uma menina chorona, carente de relações familiares mais sólidas que a mãe poderia dar.

Depois do boom da Jade, do movimento, ela ficou escondidinha para quem não acompanha ginástica. Para quem acompanha, sabia que ela era prodígio, mas ela não surgiu para a mídia. Até que foi chamada para a seleção. A seleção chama, antigamente, agora está diferente um pouco, ela chama a atleta, a atleta renuncia à sua família, à sua vida diária e vai se tocar lá em Curitiba no QG da CBG. Vai treinar lá, vai estudar dentro do QG, vai fazer uma série de coisas. O QG é uma prisão, já estive lá, já vi, e lá exige das meninas uma força mental que quase nenhuma delas tem. É um bando de inocentes, presas, literalmente, presas. Que sofrem e encaram essa realidade de diferentes formas. A mais forte delas é a Daiane. É a que encara as suas contusões e as suas prisões de uma maneira mais serena, vamos dizer assim. As outras meninas carecem do que vem de fora: ou a família, ou os dirigentes, as amigadas que fazem no entorno que convivem, porque é treino, estuda no ginásio, come na casa, não pode comer, não pode beber água, não pode fazer não sei o quê, ou seja, é um exército. Se você me perguntar: você poria sua filha na seleção de ginástica? Nesses moldes, não. Então a pressão psicológica que é imposta às crianças, porque você não pode falar nada, você tem que treinar, você não pode comer, não pode sair à noite. Enfim, é adolescência. É o período em que a pessoa se expõe mais para arriscar a se relacionar com alguém, passear, conhecer lugares, pessoas, é a época da vida que todo mundo fala que é cheia de vida. E essas meninas perdem isso, porque elas ficam confinadas. O que elas têm? O final de semana. E num lugar que é Curitiba, que elas diziam que em um final de semana você conhece todos os pontos históricos e o local fica sendo o shopping. Então essas meninas treinam e vão para o shopping no final de semana. E vão à tarde, matinê, não pode ir à noite.

As meninas são muito cobradas, e com a Jade não foi diferente. Por ela ser uma prodígio, a expectativa sobre ela era maior. No primeiro ano, ela chorava muito, sentia muita falta da mãe, do pai, do irmão. Não podia competir internacionalmente porque não tinha idade ainda. Então passou de 2005 a 2006 se tornando atleta, rompendo a infância para passar a ser uma jovem, vamos dizer assim. Sofreu muito, e nisso envolvia ligações para o pai dela no Rio de Janeiro, que, segundo ele, consumiam mil reais por mês. Todo dia, era de manhã e à tarde para dizer se estava tudo bem, chorava, explicava o que tinha acontecido no treino e tal. Então, o pai sabia o tempo inteiro o que acontecia com a filha, porque ela comentava com ele. Ou se não sabia era porque não sabia perguntar, ou não conhecia a filha, ou jogava conversa fora. Segundo ele, ele falava o tempo inteiro com ela.

E aí a Jade foi sendo trabalhada na seleção e se destacando. E com ela a seleção também errou, como errou com a Laís. A Laís passou dois anos competindo em tudo quanto é copa do mundo e forçou demais. Quando força demais, lesiona. Lesiona, e

aí é o pior momento da carreira do atleta, eu acho. Porque você não pode fazer nada, tem que se tratar, e no caso delas é pior ainda porque perde a rotina que tem de treino. Você tem que ficar parada, fazendo fisioterapia, vendo as outras treinarem, você não pode comer tanto quanto elas. Então junta essa tristeza de não poder fazer, é um elemento a mais para prejudicar. A Laís se quebrou. Então a força ficou nas veteranas Daniele e Daiane e no aparecimento da Jade e das outras meninas. A Laís também, se ela se recuperasse, porque ela sofria uma contusão, voltava gorda, então, o Oleg chegou a questionar a mentalidade das atletas. Ele dizia que elas não pensam na equipe, elas pensam nelas. Dizia que não tem mentalidade no Brasil, que atleta sai de férias, não se cuida e volta gorda. E dizia que aí não podia forçar, senão machucaria. Então ele sofria junto com elas quando tinha que forçar um pouco mais o treino para perder peso, ou quando tinha que ficar fora de uma competição porque não dava, porque se machucava. Ele sofria também. Porque ele também não tinha muitas meninas à disposição. Na seleção da Ucrânia você tem 20 meninas boas, você escolhe seis e, se uma machucava, você tem outras 14 para escolher. Na seleção do Brasil, você tinha seis, sete, quando muito, e se machucava uma, você só tinha uma reserva, então você ficava sem reserva e era complicado. Ele falava: “Só tenho seis, nenhuma pode machucar”. Então era esse drama (informação verbal)³⁵.

Apesar de legítima, a preocupação de Oleg com a falta de regramento das ginastas no controle do peso tem fundamento nas próprias práticas estabelecidas para o treinamento. Conforme exposto em matérias aqui analisadas e na fala de Pombo, a seleção brasileira de ginástica impõe uma rigorosa dieta às atletas, proibindo o consumo de água, inclusive, para que o peso extra não prejudique a execução dos movimentos. A proibição de doces, frituras e refrigerantes causa, entretanto, uma tensão psicológica que acaba levando as atletas adolescentes a comer tudo que lhes é proibido, de uma só vez, assim que termina a competição ou o treino.

A nutricionista Roberta de Melo Campello³⁶ explica que a comida está associada ao prazer, pois, desde criança, as pessoas são acostumadas a recebê-la como um conforto em situações difíceis da vida ou como um prêmio. E a atleta busca no alimento, principalmente no doce, um pouco desse prazer como forma de compensação pelo estresse do treinamento e da competição. Como a proibição gera conflito com esse desejo, ela começa a provocar o vômito para que possa comer sem engordar, o que leva a um ciclo vicioso. Ao perceber que

35 Cristiano Pombo, jornalista esportivo especializado em ginástica artística, em entrevista à autora em 27 de junho de 2009.

36 Formada em Educação Física e Nutrição. Trabalha com nutrição esportiva.

pode ingerir o alimento sem ganhar peso, ela passa a comer cada vez mais as coisas proibidas, sempre forçando a eliminação em seguida, e acaba ficando compulsiva em relação à comida.

Essa necessidade de compensar pelo tempo perdido fica clara também na fala do ex-jogador de futebol Sócrates. Em sua coluna para a revista CartaCapital, ele discute a prática da concentração – isolamento dos jogadores por um ou dois dias antes de uma competição, geralmente em um hotel ou centro de treinamento – e defende que

o que provoca o desatino de beber em demasia e da busca incessante por mulheres é exatamente esta prisão. Imediatamente após a libertação, se quer fazer tudo o que não pôde ser feito. E isso em poucas horas. É o resgate do tempo inutilizado. É a compensação. É uma forma de reagir. É a insubordinação (SÓCRATES, 3 jul 2009).

Pombo prossegue seu relato situando a posição de Jade na ginástica brasileira, que, segundo ele, era uma das poucas que uniam dois elementos: técnica e força.

Ela era uma atleta de nível internacional muito boa. Ao mesmo tempo em que cresce a responsabilidade, aumenta a pressão, aumentam os treinos, aumenta toda uma série de questionamentos. Aumenta também o pai dela querendo ganhar em cima dela. Então esses quatro fatores desnortearam a Jade tanto esportivamente quanto pessoalmente. A Jade começou a ganhar dinheiro, a mídia queria ela para reportagem, a Caixa queria, e ela começou a ter seu próprio dinheiro. Ela queria ver a família, então se envolvia numa viagem ao Rio, que não é tão longa, mas se tornava, pois, se você sai num sábado de manhã depois do treino e você só tem o domingo de folga, você tem que pegar o avião no sábado à tarde, chega lá no sábado à noite, ficar só o domingo, almoçar, sair e voltar. Então ela acabava chegando tarde. E a CBG não disponibilizava nada para buscá-la no aeroporto, e a funcionária que ia buscá-la no aeroporto fazia escondido, para ajudar o pai, que ficava ligando: 'ela chegou, ela está bem?' A CBG não se preocupava. Então todo mundo deixava a corda estourar na mão dela. E o pai não impunha a força de pai: 'você tem um compromisso, tem que chegar tal hora'. Ele questionava a CBG por não criar elementos que libertassem a mente das atletas. Como criar meio de convívio social com as atletas no fim de semana, um passeio, alguma coisa assim que pudessem se desprender da tensão diária dos treinos. Ele tinha a razão dele, e a CBG tinha a razão dela. E no meio disso tudo a Jade. Também com as razões dela (informação verbal)³⁷.

A crítica do pai de Jade à CBG tem respaldo no entendimento de Sócrates sobre a prática da concentração.

Como fazíamos duas partidas por semana, tínhamos menos tempo livre que os condenados em regime aberto. O pior é que ficávamos em uma casa apertada, cheia de beliches, literalmente uns em cima dos outros. (...) Em vez de nos educar, esses pseudopais estavam tentados a nos tolher a necessidade da descoberta e obviamente

37 Cristiano Pombo, jornalista esportivo especializado em ginástica artística, em entrevista à autora em 27 de junho de 2009.

do aprendizado da vida em sociedade. Éramos tratados como incapazes de saber o que é certo ou errado por culpa de sérias deficiências comportamentais (SÓCRATES, 3 jul 2009).

Além da “clausura” em centros de treinamento, a imposição de regras de conduta (não poder sair nem namorar, usar sempre o mesmo uniforme, fazer todas as atividades extraquadra acompanhado do restante da equipe), as restrições alimentares, a intensa rotina de treinamentos (cinco a seis horas diárias, em dois períodos, intercaladas com sessões de psicologia e fisioterapia, reuniões com o grupo e preleções) e a pressão por resultados são fatores estressantes da preparação do atleta. E a privação de uma vida social “normal” na juventude, com tempo livre para sair e se divertir, pode contribuir para um sentimento maior de estresse na vida adulta. Sob tanta pressão, o jovem acaba ficando deprimido, cansado de tudo, com ódio do esporte. *“É raro um ex-atleta jovem, que tenha acabado de encerrar sua carreira, querer entrar no veterano. Eles estão saturados com o esporte. Eles não querem saber de praticar o esporte como lazer, porque eles não conhecem o gostoso do esporte como lazer, como diversão”* (informação verbal)³⁸.

O relato de Pombo continua com críticas ao médico da seleção.

A irresponsabilidade do médico que cuidou dela, que esse é o grande responsável, que se escondeu atrás das dirigentes. Todo mundo que avaliou a Jade disse: “Meu Deus, ela não desenvolveu essa lesão que ela tem hoje, que a impede de treinar 100%, do dia para a noite”. Isso foi um processo, batendo, batendo, um elástico que você vai esticando. Será que ele não percebeu? Percebeu. Só que a Jade era a principal atleta do País, era a atleta que tinha ficado em terceiro lugar no mundial, que é muito mais difícil do que as Olimpíadas e que envolve muito mais atletas. O tempo de espera para competir é muito maior. Você competir num mundial pré-olímpico é muito mais difícil do que competir numa Olimpíada. Apesar de a pressão ser maior por resultado na Olimpíada, o mundial exige muito mais de você. São vários dias de competição, você espera muito para competir, você tem que esperar a passagem de uns cem atletas para saber se a sua classificação está entre as melhores ou não. Não é como a Olimpíada, que é dois, três dias, você vai lá, faz o que tem que fazer e volta para a casa. Então, por ela ter conquistado aquilo no mundial, esperava-se que a Jade fosse ao pódio na Olimpíada. Ela tinha elementos técnicos que permitiam considerá-la uma das três melhores, vamos supor, na prova de salto. Se ela fizesse o salto, ela ia para o pódio. Só tinha uma outra, sul-coreana, que apresentava a mesma coisa. Então eram as duas que iam competir na Olimpíada e o resto ia disputar o terceiro lugar se as duas acertassem. Então a pressão sobre a Jade aumentou muito. Ela passou a competir, passou a treinar mais, passou a ser exigido dela. E aí o que entregou o corpo, onde que esse elástico todo rompeu, porque aí começou a briga do pai com a CBG pelos contratos dela com a Caixa. ‘Como ela vai receber só 350 reais?’ Ele falava que ela recebia só

38 Nelson Biasi, médico ortopedista que há cerca de 40 anos com o esporte. Jogou basquete dos 10 aos 24.

350, a CBG falava que ela recebia dois mil. Então ficou um jogo, em que um dos lados sempre mentia e o outro exagerava. A CBG mentia, o pai exagerava. A ponto de o pai dar uma entrevista para a Folha dizendo assim: 'ela é o meu produto, se eu não souber explorá-la...'. E nisso ela se queixava de dores no meio do caminho. O pulso dói. 'Deixou de competir num evento no início de 2008, America's Cup, porque ela está com uma pequena dorzinha no pulso e a gente resolveu poupá-la. Por isso que não foi para a competição'. Foi o que a CBG me disse. Teve Copa do mundo, 'Jade não vai'. Ou seja, eles já sabiam que o que tinha no punho dela era alguma coisa muito séria, que podia comprometer a carreira dela. Já sabiam, teve gente que me contou que o médico chegou lá e disse: 'tá feio aqui'. Só que chegavam para ela e falavam: 'você está com uma tendinite'. Que é muito diferente de um osso necrosado. Uma tendinite você poupa um pouco de esforço, toma um antibiótico e a dor melhora, passa e a sua vida física, não só de atleta, passa a ser normal também. No caso dela, não. Omitiram isso dela, isso eu acredito. O que ela tinha total conhecimento: da dor que ela sentia. Mas ela não sabia o que essa dor acarretava. Porque tinha essa dor. Ela achava que era esforço, mas ela não sabia que esse esforço tinha comprometido um ponto do punho dela fundamental para ela executar exercícios. Necrosou o osso da munheca, o que permite você fazer o movimento da munheca. E na ginástica, articulações são fundamentais para você fazer qualquer tipo de exercício. É giro sobre o mesmo eixo e articulações. Você vai numa barra fixa, mexe o braço e fica girando. O pai sabia da dor. Parece que o punho da mão é composto por vários ossos. Essa região necrosou, foi tamanha a pressão, que passou de uma tendinite para uma inflamação, infecção, morreu o osso. Morreu. Ele só não partiu. Ele ficou duro, enrijeceu de tal jeito que, quando ela faz, a articulação dói, porque ele raspa em tudo quanto é lugar. A pressão vai sobre ele e ele não aguenta.

A Jade tinha completa noção da dor e a aí a CBG se esconde atrás disso. Sendo que tinha um monte de laudos, sendo que tinham dirigentes que sabiam da gravidade da lesão da Jade. O pai, durante esse processo, que brigou com a CBG, foi o único que não assinou contrato com a seleção, porque achava que 'a Jade devia ganhar mais, mais, mais, mais, agora é o auge da minha filha, se ela não ganhar dinheiro agora, quando ela vai ganhar? A ginástica é um esporte curto.'. Ele chamou a mídia para o lado dele para atacar a CBG. A CBG, com a Jade sob sua tutela, atacava o pai. E no meio disso tudo a cabecinha da Jade. Sem dar declarações. Porque se ela desse declarações, no dia seguinte no treino ela era pressionada pelos dirigentes. Se o pai falava, ela era pressionada pelos dirigentes. Ela podia até fazer confidências ao pai que talvez o revoltassem ainda mais para fazer com que ele falasse mais. Mas essa situação foi tornando a Jade, foi criando uma redoma em torno dela. Cheia de problemas. Ela tinha total conhecimento da situação envolvendo a guerra entre a CBG e o pai. Mas ela não tinha total conhecimento do punho. Foi um crime isso. Um crime!

Se ela tivesse ganhado a Olimpíada, o sacrifício da dor ia ser válido. Campeã, primeira medalha da ginástica brasileira na Olimpíada. A Jade chegou na Olimpíada extenuada. Como eu te falei, ela tinha elementos que só ela e outra atleta tinham. Ela não conseguiu fazer esses elementos. Porque, segundo ela, não tinha força física para fazer e não conseguiu porque estava dopada de remédios contra a dor. Era um remédio inclusive que a Anvisa tinha proibido no Brasil e ela tomava a caixa de 400, um de manhã e um de tarde. Sendo que de 400 é um por dia para adultos, em estado de dor tremenda, em infecções tremendas. Então a Jade foi dopada. Quando você tem excesso de medicamento no seu corpo, você também não consegue reagir esportivamente da mesma forma que você reagiria estando com 100% de sua saúde. Então ela acredita que o fato de a perna dela estar presa numa Olimpíada, de não levantar, de ela não ter força para fazer movimento estava relacionada a esses remédios que ela tomava. Que o cara só descobriu lá quando alguém leu na internet que no Brasil estava proibido, sendo que na Austrália já estava proibido. E o cara recebeu para ela. E o que ela fala: 'eu tomei esses remédios, eu juro por Deus que eu tomei. Eu não ia mentir com relação a isso. Era para aliviar a dor e até certo ponto aliviava. Só que eu não sabia que isso estava me prejudicando esportivamente, porque eu não tinha força. Me tirou, estava extenuada'. Eles exigiram muito na preparação para as Olimpíadas no Japão, que era o período de aclimação no

treinamento final. Aí o pai, que já não tinha ganhado dinheiro, entre aspas, o dinheiro que ele queria com a atleta no auge, quando a atleta voltou quebrada: 'agora vou ganhar dinheiro porque fizeram isso com a minha filha'. Ele está na razão dele, tem a razão dele, mas também o erro é que, assim, é tudo uma coisa de reparação de danos ou de reconhecimento. Nunca é uma questão de um acordo comum para que ela pudesse treinar bem, saudável, ser feliz. Sempre na queda de braço e nesse braço estava a Jade. A atleta se estourou completamente. A medicina está para descobrir ainda qual o melhor tratamento para ela. Todo mundo recomenda a operação para ela ter uma vida normal. Se operar, a chance de voltar a competir é quase zero. Esse tipo de procedimento acarretaria a limitação do movimento do punho dela. Praticamente acabaria a carreira.

Ela voltou da Olimpíada, não foi só o machucado que zoou a Jade. A Jade tinha aula dentro da CBG, e quando voltou para a escola, foi considerada quase uma analfabeta para o estágio em que ela estaria. É uma matéria que a gente nunca deu, mas ela teve que contar com a ajuda da faculdade para falar: 'olha, nós vamos te passar neste ano com a condição de que no ano que vem você vai ser uma aluna regular, vai estudar, vai se dedicar'. Porque chegou lá com bagagem de notas que a gabaritavam, mas que na verdade era pura ilusão. O pai dela falava: 'como ela vai fazer uma prova de Física se ela teve três aulas de Física num semestre inteiro?' E aula assim, dentro da CBG, uma coisa meio de amizade. Dentro do centro de treinamento, era uma salinha lá, juntava as atletas, isso é que é de dar dó. Nem esse tipo de convívio as atletas tinham, de poder ir para a escola. De poder ter outra vivência (informação verbal)³⁹.

A relação entre educação formal e esporte de alto rendimento no Brasil é bastante conflituosa, com pouco incentivo de ambos os lados para que o atleta receba os dois tipos de formação. O discurso de que o jovem terá garantias de um futuro melhor como atleta do que seguindo uma carreira acadêmica é corriqueiramente repetido como forma de incentivo à permanência no esporte:

Vou dar o exemplo, não vou citar o nome, de um atleta que a gente tinha do masculino. Eu me lembro que na época ele ganhava acho que 1.500 reais, algo assim. E um dia ele disse: "Ah, estou cansado". Eu falei com ele, "Cara, que é isso, você tem que valorizar o que você tem. Você não sabe o que é trabalhar no mercado hoje para ganhar 1.500 reais. Vários profissionais hoje têm um nível de responsabilidade muito grande, entram cedo, saem tarde, têm que cumprir horário. Aqui você vem, faz o que você gosta. E você vem, treina, vai embora, tem alimentação, tem casa, tem tudo". Tanto fez que saiu, tentou jogar em outro lugar, não conseguiu, parou de jogar. E um belo dia encontro com ele. Ele falou, "Cara, não me esqueço de você me falando isso. Eu entro acho que nove horas, saio seis, trabalho como representante comercial, tem mês que eu não tiro 500 reais". (informação verbal)⁴⁰

Entretanto, se o esporte desse ao jovem a possibilidade de estudar ao invés de retirar dele esse direito, ele teria chances dobradas de conquistar seu lugar ao sol, seja no esporte,

39 Cristiano Pombo, jornalista esportivo especializado em ginástica artística, em entrevista à autora em 27 de junho de 2009.

40 Emmanuel Arnot, técnico de voleibol formado em Educação Física pela UFMG, pós-graduado em treinamento esportivo com ênfase em voleibol, técnico nacional nível II, em entrevista à autora em 16 de junho de 2004.

realizando seu sonho de ser um campeão, seja em outra profissão. Mas, no Brasil, o entendimento que prevalece é o de que é mais interessante que o atleta seja um profissional exclusivo, fique à disposição e treine o dia inteiro, pois assim ele renderá mais. A experiência de outros países, entretanto, já demonstrou que é possível conciliar os dois universos. Nos Estados Unidos e na Itália, países com títulos tão significativos quanto os brasileiros no vôlei, por exemplo, os atletas têm a possibilidade de receber formação universitária e competir em alto nível. E, além de representar um plano B para aqueles que não alcançarem o sonho de sucesso no esporte, o nível de escolaridade é, segundo Antonio Marcos Lerbach⁴¹, muito importante para o desempenho tático de voleibolistas de alto rendimento.

Através da escolarização mais avançada, o indivíduo torna-se melhor dotado intelectualmente. Os anos de frequência escolar constituem importantes elementos para o desenvolvimento de aspectos cognitivos e demais outros processos mentais, que contribuem diretamente no desempenho tático dos jogadores (LERBACH, 2002, p. 205).

E os maus resultados nos estudos foram, segundo Pombo, mais uma fonte de estresse para Jade:

Então isso ela sofreu também quando voltou para o Rio de Janeiro. A Jade passou a se sentir, entre aspas, um lixo. 'Eu não sou boa aluna, eu não sou boa atleta porque estou machucada, eu não sou boa filha porque meu pai está tendo um monte de problema por uma questão minha. Não sou tão boa irmã, porque estou cheia de dores e não consigo brincar com o meu irmão o tempo inteiro. Eu não tenho minha mãe mais, eu não estou mais na seleção com as amigas'. Ou seja, Jade sozinha no mundo. Ela só saiu disso porque passou a ter acompanhamento psicológico. Na CBG tinha psicólogo, mas as meninas descobriram que ele contava tudo para as dirigentes. Era uma arapuca na verdade para as atletas. Elas descobriram isso quando perceberam que as dirigentes faziam questões de coisas só delas, por exemplo, elas estavam no quarto da concentração, só duas meninas conversando: 'olha, você é minha amiga, vou te contar, achei a Eliane uma bruca porque fez isso, isso e isso e me deu um tapa nas costas', contava para a outra. E de repente a Eliane vinha falando: 'olha, não quero que vocês fiquem contando o que faço com vocês'. Aí começou uma guerra entre elas: 'você está contando para a Eliane? Não, não contei. Mas para quem você contou? Só contei para o psicólogo'. Então elas combinaram entre elas, vamos plantar uma notícia. Todo mundo vai chegar no psicólogo falando isso. E dito e feito. Um dia depois da sessão, a Eliane estava falando o que o psicólogo tinha ouvido. Então elas ficaram na cabeça delas que a psicóloga era uma traidora, 'em vez de ajudar só prejudicou, me abri para uma pessoa que era uma traidora, espiã' (informação verbal)⁴².

41 Treinador da seleção brasileira juvenil de vôlei masculino por mais de dez anos e mestre em Educação pela Universidade Vale do Rio Verde de Três Corações (Unincor).

42 Cristiano Pombo, jornalista esportivo especializado em ginástica artística, em entrevista à autora em 27 de junho de 2009.

Numa nota pessoal, acrescento que vivi situação semelhante com psicólogo de seleção brasileira de vôlei juvenil, profissional renomado e que viria a compor equipe do Comitê Olímpico Brasileiro para a preparação de atletas de várias modalidades. A prática revela que, muitas vezes, o treinador se posiciona como inimigo dos atletas, o que não me parece nada saudável. E de fato, foram o autoritarismo e os desmandos de um treinador que catalisaram minhas críticas ao esporte de alto rendimento e me colocaram no caminho da Academia.

Prossegue Pombo:

Ela relutou em ir a uma psicóloga de novo no Rio de Janeiro, mas aí deu certo. Arrumou um namoradinho, passou a ir à praia, passou a ter amiga, a dormir na casa de uma amiga, passou a não ter aquela prisão de pisar na balança de manhã, pisar na balança à noite, podia beber água, podia se hidratar, ela tinha problemas de pedra nos rins.

Na ginástica, qualquer peso a mais no corpo muda a sua ginástica, a sua técnica. Então, se você tem meio quilo a mais, pode parecer que não, mas faz uma baita diferença se você não compensa esse meio quilo na sua força, ou seja, se você não faz um exercício de musculação ali para aliviar. Porque é impacto, tudo contém impacto. Repetições, giros e impacto. A Jade sofria de pedras nos rins por histórico familiar. A última vez tinham 20 pedras. Ela tinha dores absurdas dos cálculos e não podia tomar água. Com a alegação de que, se você toma água antes do treino, aquela água fica na sua barriga, é um peso a mais. Então o que eles faziam, quando não desligavam os bebedouros, a atleta pedia água e traziam água esquentada. Que dá dor de barriga. Ninguém consegue tomar água quente, a não ser chá. Então trazia água quente, elas não bebiam. Você está morrendo de sede, se dedicou, não pode beber água, porque água pesa. E não era feito um trabalho para que a atleta expelisse isso em forma de suor. Porque não podia suar, porque escorrega, então é uma coisa tão complexa, mas na cabeça das dirigentes, isso é a coisa mais natural do mundo: 'atleta tem que evitar tomar água porque ele sabe que isso pesa no estômago dele'. Para ela não, era uma proibição de água que ela estava com sede e queria beber. Então era mais um aprisionamento na vida de Jade, que prejudicava ainda mais uma dor que ela já sentia de histórico familiar, que era pedra nos rins. Isso também virou munição para o pai atacar a CBG.

A Jade hoje é um resultado disso tudo, tentando se erguer, sem saber se vai conseguir. Passou seis meses treinando sem apoiar a mão. Tá com 20 pedras, tem que ficar em repouso absoluto, sem treinar. A única coisa que não aconteceu com a Jade e aconteceu com a Laís, a Daniele, ela não engordou muito. Ela não inchou, inflou. Então a Jade está nesse caminho: 'vamos ver quem é que vai me salvar financeiramente e vamos ver quem vai salvar a minha saúde. E se eu conseguir ser salva nesses dois pontos, eu vou competir e vou mostrar que ainda amo a ginástica e posso ser uma atleta de ponta'. E a ginástica está toda assistindo para ver no que vai dar. O pai quer entrar com processo, mas ele não tem a munição basal, física, ele só tem um produto quebrado, entre aspas. Como ele fala: 'entreguei minha filha boa e ela voltou desmontada, quebrada, triste, ferida, machucada. Então eles têm que pagar'. Vai entrar com a ação contra a CBG. A CBG não disponibiliza os exames, o médico não fala mais. A sociedade de medicina não foi em cima do médico, que devia ter ido. O caso chamou tanta atenção que eu achei que iam pelo menos inquiri-lo sobre tal conduta, mas também não fizeram. Todos os médicos com que eu conversei falaram que é antiético falar de outro médico, mas ele foi criminoso em deixar chegar nesse ponto. Ela é uma menina. Antes de ser atleta, ela é uma menina. Ela está na adolescência. Se o corpo desenvolve até os 21 anos, no caso de uma moça, de uma jovem, ela ainda tinha a desenvolver. Foi criminal, não pouparam ela

disso. Todos com quem conversei me disseram isso. Foi uma judiação (informação verbal)⁴³.

O jornalista toca num ponto que considero fundamental: a preocupação com a integridade física de atletas jovens e as possíveis consequências que o treinamento em alto nível pode acarretar para sua saúde após o término da carreira. Condições adequadas de trabalho estão entre as reivindicações das classes trabalhadoras, e situações extremas são frequentemente pautadas pela imprensa. Não vou cometer a impropriedade de comparar a rotina do esporte de alto rendimento à escravidão ou outras formas subumanas de trabalho, mas acho necessário questionar a naturalidade com que são tratados os excessos impostos aos atletas.

Sobre o tratamento que o jornalismo esportivo dá à questão, Stycer e PVC entendem que essa especulação só renderia cobertura se houvesse confirmação de que as lesões ocorridas em decorrência da carreira esportiva afetam o bem-estar futuro do atleta.

O Guga continua surfando. Isso afeta a vida dele, vai afetar no futuro a vida dele o fato de ele ter tido um problema grave no quadril por conta de um esforço enquanto tenista, que o obrigou inclusive a deixar de ser tenista? Isso vai ter consequências? Acho que interessa, se a resposta for positiva para todas as questões, isso interessa pra todo mundo. Se não, não interessa. Eu enquanto tenista amador, olhando o Guga, devo estar me perguntando: se eu ficar jogando tênis tanto assim, isso pode acontecer comigo, de que maneira? Isso só vai afetar minha maneira de jogar tênis, ou vai afetar minha vida de outra maneira? (informação verbal)⁴⁴.

PVC é mais incisivo: *“Eu acho que esporte não é um maço de cigarro, que tem que vir com um alerta. Não consigo enxergar dessa maneira. A cada competição esportiva, atenção, o esporte é prejudicial à saúde”* (informação verbal). E pondera que a pauta, apesar de rica, não é levantada por não haver muitos exemplos de atletas no mundo que, aos 40 anos, têm uma vida absolutamente corrompida por terem praticado esporte de alto rendimento.

Pombo continua seu relato criticando a forma como o pai de Jade tem tratado a contusão da filha:

43 Cristiano Pombo, jornalista esportivo especializado em ginástica artística, em entrevista à autora em 27 de junho de 2009.

44 Jornalista Mauricio Stycer, em entrevista à autora em 29 de junho de 2009.

A judiada está aí, tentando se reerguer, com o pai buscando dinheiro, das formas erradas. A Jade precisa de dinheiro para comprar remédio, expõe a mazela de uma atleta que não precisa expor de tal maneira. A Jade é sempre a coitadinha do pai, ela não é a Jade. Que é isso que eu acho que falta, coisa de cabeça, psicológica: 'ela é minha filha, ela foi lá, estourou o braço, mas ainda é campeã para mim, ela não é um produto quebrado'. Pelo menos nas declarações que ele dá à mídia e que chegam até a Jade. Nisso eu acho que ele erra. Ela não é uma coitadinha que vai precisar de ajuda. Ela está precisando de ajuda sim, mas ela não é coitada, porque ela tem muita capacidade. 'Se alguém quiser provar que minha filha é capaz, é só vir aqui e ver, porque ela vai lá e treina sem uma mão. Que ela vai lá e ainda não desistiu da ginástica depois de tudo que fizeram com ela'. E não assim: 'ah, não tenho dinheiro para comprar remédio pra Jade, ah, tadinha da Jade, que tem que andar de táxi, porque não pode pegar ônibus, porque é assediada'. A população inteira pode pegar ônibus, por que a Jade não pode? Por que ela é famosa? Tem muita gente famosa que pega ônibus. Ele exagera em certos pontos. Criou uma bonequinha de porcelana e a bonequinha está machucada (informação verbal)⁴⁵.

3.2 Especulações: por que não são ditos?

Ciente da impossibilidade de extrapolar para todo o universo do jornalismo esportivo as conclusões tiradas do estudo do caso Jade Barbosa, faço, por meio da discussão a seguir, o caminho contrário: busco idiosincrasias dos universos do esporte e do jornalismo como um todo para tentar explicar os não ditos identificados na análise e explicitados na fala de Pombo.

Traquina apresenta a dramatização, que entende como o reforço do lado emocional, da natureza conflitual do fato, do relato melodramático, como um valor-notícia de construção. Tendo dissecado o processo de investigação e ouvido o relato de Pombo sobre os bastidores da ginástica artística, em especial do caso Jade, rico em dramatização, fica o questionamento sobre a discrepância entre a quantidade de informação acumulada pelo jornalista e a concisão do que foi publicado pelo jornal. Dos 10 textos encontrados na pesquisa no arquivo da Folha, apenas quatro trazem a contusão da ginasta como tema principal. Três são notas e outras três são matérias sobre lesões de outras atletas e que citam o conflito de Jade com a CBG. Na entrevista, Pombo apresenta algumas razões para não publicar histórias que conseguiu recriar com o processo de investigação.

A primeira delas é a relação de confiança com a fonte.

45 Cristiano Pombo, jornalista esportivo especializado em ginástica artística, em entrevista à autora em 27 de junho de 2009.

Essa relação determina também o que você dá de notícia e o que você não dá. Porque tem coisa que o atleta te considera como amigo e te conta. Mas aí, eu não posso sair publicando tudo isso. Tenho dez histórias do Diego [Hipólito] exorcizando dez pessoas, mas não posso dar isso. Foi um voto de confiança dele em mim e meu nele, de ele me contar, ser sincero comigo” (informação verbal)⁴⁶.

O jornalista explica que, mesmo que essas fontes ofereçam a ele uma compreensão mais ampla da realidade que vivem no esporte, publicar o que ouve em *off* retira credibilidade de seu trabalho.

Tem uma lá dentro que está me contando essa história, que vai viver nessa prisão por mais seis meses e vai sofrer mais. Eu tenho que cercá-la, até para protegê-la, porque ela foi minha fonte. Para provar que o que ela me disse não é mentira. Então isso determina o que você publica ou não também (informação verbal)⁴⁷.

Outro ponto levantado por Pombo sobre a decisão de publicar ou não uma matéria é a necessidade de gancho. Para ele, cada história tem que ser contada no momento certo, da forma adequada. “Tenho três fortes histórias de Daiane. Guardadas. Tudo engatilhado aqui. Eu preciso do momento. Desde racismo até que música ela vai escolher para a próxima Olimpíada” (informação verbal)⁴⁸. E, além de saber o momento correto de soltar uma matéria, é preciso ter espaço no jornal. O editor do caderno de esportes da Folha, José Henrique Mariante, oferece outro exemplo de matéria que não conseguiu publicar por essa razão. A equipe do jornal apurou um esquema de fraude nos exames antidoping realizados na série A2 do futebol paulista. Segundo o relato de Mariante, a Federação Paulista de Futebol (FPF) transfere renda para os clubes da série A2, que, sem esse dinheiro, não conseguiriam disputar o campeonato. Entretanto, a cada jogo, os times têm que pagar 1.200 reais de exame antidoping. A reportagem descobriu que, de todas as amostras coletadas, pouquíssimas são verificadas, por previsão contratual. Mas o laboratório, que é o mesmo sempre, para que haja

46 Cristiano Pombo, jornalista esportivo especializado em ginástica artística, em entrevista à autora em 27 de junho de 2009.

47 Idem

48 Idem

padronização e redução de custos, recebe por todos. Dessa forma, a federação pega de volta o dinheiro transferido aos clubes.

Ela repassa para o laboratório, mas cobra o dela também, cobra um pedágio ali. Então, ela está ali organizando o maior campeonato regional do mundo e ao mesmo tempo fez um conluio com um médico picareta, para fazer um antidoping de araque, porque ela tem que cumprir uma legislação específica, que é obrigatória, moralizadora, porque o COB se vangloria de que todos os atletas do Brasil são testados” (informação verbal)⁴⁹.

Mariante diz não ter conseguido publicar a matéria por se tratar da série A2, e

os caras não me dão papel. Sempre tem algo acontecendo e eu não consegui dar. Perdi o timing da matéria porque o campeonato acabou. Puta matéria! E que se eu der agora, eles vão achar que estou dando a matéria só para atacar o presidente da Federação Paulista, que tem um litígio com a Folha, entre outros personagens desse Brasil esportivo. Tem essa também, tem o momento de dar a matéria e o momento de não dar (informação verbal)⁵⁰.

As ponderações dos dois jornalistas levantam a discussão sobre valor-notícia. Segundo Pombo, o sofrimento de Daiane no episódio da cirurgia às escondidas “*não é não notícia, mas também não é notícia no jornalismo hoje*”. Além da já citada limitação de espaço, Pombo apresenta outras razões que o levaram a entender a história de Daiane como uma matéria incapaz de se sustentar sozinha, tendo sido publicada como uma análise, um apêndice de outro texto. “*Por que eu ia contar a história da Daiane, que fez tudo isso, e não ia contar a história da menina que torceu o tornozelo e ninguém falou nada? Por que a Daiane é diferente dela?*” (informação verbal)⁵¹. Sobre esse ponto, deve-se levar em conta o valor-notícia da notoriedade. A Daiane não é mais uma menina que pratica ginástica artística no Brasil, ela é uma das principais representantes nacionais desse esporte, com resultados significativos no cenário internacional. Pressupõe-se que o que acontece com ela tenha relevância para as pessoas que acompanham sua carreira. De outro modo, não teria sido necessário esconder o procedimento cirúrgico. Se o jornalista, que conhece os bastidores do

49 Editor do caderno de esportes da Folha de S.Paulo, José Henrique Mariante, em entrevista à autora, em 27 de junho de 2009.

50 Idem

51 Cristiano Pombo, jornalista esportivo especializado em ginástica artística, em entrevista à autora em 27 de junho de 2009.

esporte, acredita que não há mais notícia no sofrimento de Daiane do que no de outras atletas que passam por situações semelhantes e se a falta de espaço e as prioridades editoriais do jornal não permitem que se publiquem todas, parece-nos mais coerente divulgar, pelo menos, a história da atleta mais famosa, ao invés de não publicar nenhuma. Para além de apenas uma história, essa seria uma forma de oferecer ao leitor uma visão mais contextualizada do esporte, uma noção mais verossimilhante dessa realidade.

Um ponto, entretanto, a destacar e que poderia contribuir para essa concepção reducionista do jornalista é que, ainda que seja tão bem informado e experiente, ele oferece, em seu discurso, indícios de que compartilha de uma visão idealizada do esporte, de que o sacrifício é necessário ao alto rendimento. Ao relatar uma viagem que fez à Romênia para produzir reportagem especial sobre os melhores do mundo na ginástica artística, o jornalista diz ter-se impressionado pela naturalidade com que uma menina romena mostra uma bolha na palma de sua mão e diz não entender por que aquela bolha é motivo de choro para as meninas brasileiras. *“Você vai chorar por causa desta bolha? Amanhã eu posso ter uma maior aqui”. É melhor a romena do que a brasileira? Não, mas por que valorizar o choro da brasileira e não a força de vontade daquela outra que não chora?”* (informação verbal)⁵². Em outro ponto da entrevista, a fala de Pombo revela a valorização de características estereotipadas da vida de atleta, como a garra, a rotina de treinamentos, a superação de limites e a dedicação integral ao esporte:

Para multicampeões, como Scheidt, que é um leão na competição. Que ele vai brigar pela vitória até o fim. Só que ele briga pela vitória não só na competição. Ele acorda quatro horas, entra na hora gelada, rema, rema, rema, até os braços perderem força, volta, se alimenta, descansa, vai lá de novo, a vitória do atleta está aí, não está só no troféu. Está nesse pequeno detalhe do dia-a-dia, que a gente tenta colocar quando a gente conta as histórias (informação verbal)⁵³.

Magnane cita um fenômeno que provavelmente atinge também os jornalistas,

52 Idem

53 Cristiano Pombo, jornalista esportivo especializado em ginástica artística, em entrevista à autora em 27 de junho de 2009.

contribuindo para a construção dessa percepção idealizada sobre o esporte: a simbiose afetiva entre atletas e espectadores. O espectador acompanha as proezas dos atletas se desenrolando diante de seus olhos e se eleva a um máximo de intensidade de participação, de força de atração e de profundidade de fusão. E, com a participação dos profissionais da mídia,

o processo de mitificação que faz do campeão um semideus, o conluio entre as exigências espontâneas do consumidor e a diligência dos 'mass media' em satisfazê-las a todo preço criam um jogo de perpétuo leilão. Reclamando sempre mais estórias sensacionais, sempre mais prodígios, o público incita os redatores e os repórteres especialistas a inventar incessantemente novas coisas. Estas invenções, por seu lado, suscitam novas necessidades, e assim por diante (MAGNANE, 1969, p. 97).

Nasce aí, portanto, um círculo comercialmente virtuoso, que atende aos interesses dos quatro campos envolvidos: o mundo do esporte, o mundo dos negócios, a esfera da política pública e o mundo dos meios de comunicação de massa.

Wilson Gomes (2004) defende que as esferas da política, da comunicação de massa e dos negócios privados organizam, ao redor da política midiática, uma rede de multideterminações recíprocas passível de ser descrita como um sistema. Acreditando que o modelo é adequado para se compreender o modo de exposição do esporte na imprensa, apresentamos a seguir, uma adaptação em que o universo esportivo substitui o político e a esfera da política pública (governo) complementa a dinâmica. Segundo Wilson, as relações que aproximam os campos são orientadas por “*interesses diferenciados, contrastantes, mas reciprocamente acomodáveis*” (GOMES, 2004, p. 140). Basicamente, o sistema se estabelece à medida que cada setor busca suprir seus interesses, por meio de recursos que o outro oferece.

O recurso do esporte é o espetáculo, necessário ao campo da comunicação, pois gera audiência, e ao dos negócios, pois valoriza a marca com o discurso do belo, forte e saudável. De fato, empresas cujos produtos não têm nenhuma relação com a saúde, como Coca-Cola e McDonald's, estão frequentemente entre os patrocinadores oficiais de competições internacionais, como Copa do Mundo e Jogos Olímpicos, com campanhas voltadas para o

estabelecimento da relação entre seus produtos e uma vida saudável. Segundo o site da Coca-Cola Brasil, “em 2008, a promoção em torno das Olimpíadas de Pequim foi utilizada para oferecer aos consumidores mais uma oportunidade de se exercitar”, e, “buscando estimular a atividade física entre estudantes, a Coca-Cola Brasil patrocina as Olimpíadas Escolares, promovidas pelo Comitê Olímpico Brasileiro”.

A comunicação, por sua vez, oferece aos demais a visibilidade, sendo prerrogativa dos profissionais de mídia (repórteres, editores, redatores) selecionar quem tem acesso a esse recurso. Ser visto é fundamental para os atletas, ao aumentar suas chances de receber propostas melhores, e para os clubes, ao render direitos de exibição dos jogos. Para ambos, significa ainda maior possibilidade de conquista de patrocínios.

Uma forma utilizada pelo esporte para acomodar os interesses da mídia é a organização de torneios de acordo com a grade de programação da televisão. É de conhecimento comum o fato de que os jogos de futebol realizados em dias de semana começam depois da novela das oito da Rede Globo. Jennings (1996) oferece exemplo ainda mais claro da ingerência da mídia, em especial a televisão, na organização do esporte. Ele relata opiniões de um executivo sênior da rede de televisão norte-americana NBC e membro da comissão de televisão do Comitê Olímpico Internacional (COI) sobre as modalidades que devem ganhar mais espaço nos Jogos Olímpicos. As sugestões são pautadas no interesse da corporação em promover esportes que “*tragam mulheres e famílias inteiras para a frente da televisão*”, garantindo o retorno da TV pelo investimento nos direitos de transmissão por meio da venda de espaço na grade de propaganda. O executivo afirma que gostaria que o COI encontrasse uma maneira de incluir mais um, dois ou três dias de ginástica artística. Além disso, ele queria mais natação nos Jogos de Verão e mais patinação, nos de Inverno. (JENNINGS, 1996, p. 291).

As empresas, por fim, querem espaço midiático para promover sua marca. E o recurso disponibilizado para tanto é o dinheiro. Ele chega na forma de salários para jogadores, patrocínios para atletas, clubes e competições e anúncios nos meios de comunicação.

Trata-se, portanto, de um sistema “*de encaixes e desencaixes de interesses*”, sendo que nenhum domínio pode ser concebido como passivo na sua interação com os demais:

O sistema comunicacional conhece o valor da sua mercadoria e sabe valorizar o recuso que controla. Consegue o dinheiro de que precisa vendendo espaço ou tempo de publicidade, mas o consegue também, na forma mais viciada das interações, trocando vantagens editoriais por ajuda econômica na forma de antecipação de recursos, de empréstimos ou de favorecimentos. As vantagens editoriais podem significar tratamento diferenciado no noticiário para a empresa com que se barganha (não publicação de informações desfavoráveis à empresa, por exemplo), ou, enfim, as vantagens do favorecimento editorial a agentes políticos protegidos pelo anunciante com quem o meio de comunicação tem um contrato de mútua ajuda (GOMES, 2004, p. 153).

Ainda assim, o jogo de forças não é simétrico e, na matemática de compensações, um campo pode acabar se sobrepondo a outro. Para Gomes, por exemplo, há um desequilíbrio desfavorável aos meios de comunicação na sua relação com o poder econômico, pois, enquanto o empresário tem uma variedade considerável de grandes veículos para anunciar seu produto, os departamentos comerciais dos jornais, frente a essa concorrência, não podem recusar certas contas. Ele cita como exemplo a percepção comum de que empreiteiras são bastante eficientes em plantar notas nas redações e influenciar campanhas a favor de iniciativas de seu interesse. Marshall é mais enfático ao tratar desse desequilíbrio. Ele defende que a pressão do mercado tem imposto condicionamentos e constrangimentos aos jornalistas e ao campo jornalístico que acabam por transformar os padrões éticos, estéticos e culturais do universo da informação, transformando o jornalismo em esfera de sustentação de interesses comerciais (MARSHALL, 2003, p. 24). Logo, “*a cobertura das notícias mais sérias, que exige maior investigação e maior profundidade, foi trocada por notícias de entretenimento, que têm maior efeito sobre a audiência e custam bem menos à empresa*” (MARSHALL, 2003, p. 27).

De fato, fica difícil imaginar que um veículo de comunicação, após pagar milhões de dólares para ter o direito de transmissão exclusiva de um evento esportivo, tivesse interesse em mostrar aspectos do esporte que desvalorizassem o espetáculo que pretende vender, maculando a imagem idealizada do esporte como promotor da união entre os povos, do bem-estar e da saúde. Perguntado se esse tipo de interferência seria possível também na editoria de esportes, com grandes patrocinadores buscando perpetuar a imagem de saúde que querem associar a sua marca, o jornalista Mauricio Stycer diz nunca ter sentido essa pressão, ou ouvido falar dela. Mas ressalta que, apesar de ter sido editor de um veículo especializado, o Lance!, não fez carreira como jornalista esportivo.

Mariante descreve como venal um tipo de relação que ocorre em outra ponta do sistema, entre o sujeito esportivo, que busca visibilidade, e o jornalista, que precisa da informação. Numa situação de queda de um treinador, por exemplo, *“muita gente vai se vender por esse pequeno furo. Não por dinheiro, talvez, mas vai pedir um favor para um cara ou para outro. Isso acontece em todos os jornais. Não existe furo, a gente brinca aqui. Existe alguém te passando uma história por algum motivo”* (informação verbal). Gomes entende que, num *“país dado à corrupção afetiva, como o nosso”*, instar os agentes do domínio da comunicação a colocar o sujeito em exposição em virtude de acordos, promessas ou agrados pode ser um expediente bastante eficaz. E, para além da confusão que o jornalista pode fazer entre seu papel profissional e o de fã, essa estratégia acaba sendo utilizada como forma de cativar e manter a fonte. *“Por que o Mauro Naves é o único a falar com o Ronaldo? Porque ele não fala mal do Ronaldo. Se ele falar mal, o Ronaldo depois não fala com ele”* (informação verbal)⁵⁴. O editor da Folha acredita haver uma ferramenta para evitar esse tipo de relação: bons salários e a formação do jornalista, *“para que saiba separar o que é importante do que não é, o que é vaidade do que não é. Vai evitar que o repórter novato,*

54 Editor do caderno de esportes da Folha de S.Paulo, José Henrique Mariante, em entrevista à autora, em 27 de junho de 2009.

deslumbrado, que ganha mal, acabe falando bem de um ou de outro porque quer ficar amigo do técnico” (informação verbal).

Um outro ator que vamos incluir nesse sistema é o poder público, pois o governo tem interesse em recursos de todos os campos. O uso político do esporte como elemento de propaganda e demonstração de poder e eficiência do Estado faz parte do conhecimento comum, tendo no nazismo alemão e na disputa entre Estados Unidos e União Soviética durante a Guerra Fria os exemplos mais óbvios. Mas ainda que essa exploração do esporte seja hoje mais sutil, ela se manifesta por meio de campanhas para sediar copas do mundo e jogos olímpicos, por exemplo. A promessa de retorno para a sociedade em termos de investimentos privados no país na preparação do evento e após a sua realização é uma forma de capitalização por parte do governo. Vale lembrar a recente escolha do Rio de Janeiro para sediar as Olimpíadas de 2016, que teve apoio explícito do presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, e da população, que foi às ruas comemorar a decisão do Comitê Olímpico Internacional, cheia de orgulho de seu país. Apesar de ser polêmica a discussão sobre o custo-benefício entre os investimentos públicos e esses retornos, investimentos privados de fato ocorrem e são o recurso do campo dos negócios desejado pelo governo.

Ao patrocinar o esporte por meio de empresas públicas, o governo ganha também visibilidade midiática. Cunha Novo levanta uma outra forma de utilização do esporte pelo Estado. Ele explica que, para o Ministério dos Esportes, o esporte de rendimento tem a função de criar ícones, que vão despertar nas crianças o desejo de ser tão bem-sucedidas quanto eles, ainda que não se tornem atletas de alto nível. Em termos de política pública, isso tem impactos na educação, saúde e redução da violência e do uso de drogas, pois, fora do alto rendimento, o esporte pode trazer benefícios em todas essas áreas. Nesse cenário, afirma o jornalista, o atleta profissional se torna o herói mítico que é levado ao altar de sacrifício em nome de um bem maior. Como os que chegam a esse patamar no esporte são muito poucos

em relação aos que se beneficiam da prática moderada de atividades físicas, essa exploração dos primeiros seria, nas palavras de Cunha Novo, um preço justo a se pagar. Mesmo porque, defende, os atletas não se entendem como peões num jogo de forças muito maior do que eles. Eles se orgulham de ser os heróis, que conquistaram um espaço diferenciado na sociedade por meio de feitos extraordinários.

Do lado do esporte, o retorno que recebe do governo está nos já citados patrocínios, nas leis de incentivo e na transferência direta de recursos, como o Bolsa-Atleta.

A dinâmica desse sistema revela que todos os campos capitalizam sobre a percepção de que o esporte é algo positivo e que pode ser diretamente associado à saúde, à educação e ao bem-estar social. E o argumento oferecido aos que se perguntam sobre os reais sacrifícios a que se submetem os atletas de alto rendimento é o de que o esporte de alto nível é um meio para a inclusão social. De fato, por meio do futebol, principalmente, muitos jovens de famílias pobres são elevados à condição de milionários. Mas acredito que haja espaço, em especial pela mão do jornalismo esportivo, para se questionar a lógica apresentada por Cunha Novo. Afinal, o fato de os atletas de alto rendimento serem minoria no universo de preocupações das políticas públicas não justifica um descaso do Estado em relação ao seu bem-estar. Pois se o governo investe seus recursos nesse universo, deveria, como acontece em todas as áreas, se preocupar com a forma com que esse dinheiro é empregado.

Gomes entende que, com o crescimento da importância da televisão comercial, o jornalismo (tanto o de TV quanto o impresso) foi levado a operar com a “*gramática e a lógica do entretenimento*”. Isso significa que a informação passa a ser produzida para uma audiência que a consome no gozo de seu tempo livre, com uma enorme variedade de opções concorrentes, e é distraída, impaciente e pouco cultivada. O resultado é uma combinação de técnicas de apuração jornalística com técnicas de ficção. O jornalista político que trabalha

nesse modelo coleta fatos e conta histórias, aproveitando, das artes narrativas, lugares-comuns e estruturas dramáticas para enquadrar os fatos narrados.

Se há fatos e pessoas que resistem às estruturas narrativas prévias, estes ou são descartados como não-notícia ou são introduzidos à força na fôrma e ajustados de um modo ou de outro para que o jornalismo não perca as facilidades e vantagens que o emprego de esquemas e clichês lhe assegura junto às audiências” (GOMES, 2004, p. 347).

O resultado desse processo é a “*reconfiguração em chave dramática*” das mensagens produzidas pelo campo que deseja visibilidade. Isso porque o jornalismo-espetáculo, conforme exposto por Gomes, busca acionar, no espectador/leitor, a sensação e a emoção, ao invés da compreensão e do entendimento. “*O jornalismo-espetáculo quer a sua lágrima, a sua fúria, o seu riso, o seu horror, não a sua indiferença nem tampouco meramente a sua compreensão lógica da cadeia de efeitos e conseqüências ou entendimento dos efeitos dos fatos narrados na vida civil*” (GOMES, 2004, p. 354). Se essa adaptação na forma de atuar foi necessária à política, fica difícil imaginar uma guinada do esporte na direção contrária, do criticismo, uma vez que é um universo naturalmente rico em elementos dramáticos (erro, acerto, vitória, derrota, disputa). Não é minha intenção, entretanto, sugerir que o esporte deixe de ser narrado com emoção. Entendo apenas que investigações e análises críticas do universo do esporte poderiam contribuir para uma maior compreensão dessa realidade pelo leitor. O que não se pode garantir é que a inclusão dessa perspectiva não abalaria o equilíbrio de forças do sistema.

Magnane parte da definição de esporte para discutir a percepção social dessa atividade como necessariamente positiva, saudável, que só contribui para o bem-estar dos atletas e da sociedade. Ele critica a definição da *Larousse*, segundo a qual o esporte consistiria na prática de exercícios físicos com vistas ao aperfeiçoamento do corpo humano. O autor argumenta que essa não é uma finalidade do esporte, ainda que esteja presente na definição de Pierre de

Coubertin: *“O culto voluntário e habitual do esforço muscular intensivo, apoiado no desejo de progresso e podendo ir até ao risco”*. Para ele, o esporte não é um fim em si mesmo, tem motivações externas, que não são o aperfeiçoamento, o “desejo de progresso” aceito de forma canônica e sagrada por intérpretes de Coubertin. *“É quase tão impróprio encorajar os atletas a pensarem que vieram ao estádio para se submeterem às máximas de Coubertin, afixadas por cima da tocha olímpica, perto do placar, como querer persuadir os namorados que o seu ardor tem por origem o ‘Crescei e multiplicai’ da Bíblia”* (MAGNANE, 1969, p. 70).

De forma similar, Huizinga (2007) explica que, nas civilizações arcaicas, as competições sempre fizeram parte das grandes festas, sendo indispensáveis para a saúde e a felicidade dos que delas participavam. Mas, sem a espontaneidade e a despreocupação do jogo como brincadeira, como um fim em si mesmo, o esporte profissional teria perdido o espírito lúdico original. *“No caso do esporte temos uma atividade nominalmente classificada como jogo, mas levada a um grau tal de organização técnica e de complexidade científica que o verdadeiro espírito lúdico se encontra ameaçado de desaparecimento”* (p. 221).

Magnane apresenta, então, uma definição “provisória”: *“Uma atividade do lazer cuja predominância é o esforço físico, participando simultaneamente do jogo e do trabalho, praticada de maneira competitiva, comportando regulamentos e instituições específicas, e suscetível de transformar-se em atividade profissional”* (MAGNANE, 1969, p. 71). Essa é uma definição realista, que busca um contraponto ao *mens sana in corpore sano* encontrado frequentemente na imprensa e em discursos políticos e esportivos, que trazem *“uma tendência a mascarar a realidade do esporte pelo mito da esportividade”* (MAGNANE, 1969, p. 80).

O autor pondera que os meios de comunicação não têm a missão de substituir uma política do esporte sistemática e coerente na educação do público. Sua missão seria apenas informá-lo, *de forma a agradar-lhe*, ficando o papel de educador e guia aos dirigentes. E faz dura crítica à apropriação indevida que tem sido feita por dirigentes atuais das ideias de Pierre

de Coubertin. Segundo o autor, vários dirigentes esportivos se apoiam em distorções dessa ideias para defender um suposto papel educativo que estariam exercendo. Para Magnane, de Coubertin, os dirigentes só entreviram a sombra e reduziram-na a uma caricatura, retendo apenas os “*slogans de um animalismo militante, especialmente 'a arte de criar o puro-sangue humano'*”. (MAGNANE, 1969, p. 124). Ao contrário disso, Coubertin, explica o autor, evitava os excessos propagados pelos modernos elogiadores do esporte, que declaram que '*o esforço esportivo é a moralidade*', e “*afirmava mais modestamente: 'O esporte é apenas um ajudante indireto da moral. (...) É o educador que deve dar regras morais ao esporte'*” (MAGNANE, 1969, p. 124). Esses homens “*tomam-se sinceramente por discípulos de Coubertin, sobretudo se não o leram e conhecem dele apenas alguns aforismos suscetíveis de ser incorporados aos seus ditos espirituosos e aos seus disparates pseudofilosóficos'*”. (MAGNANE, 1969, p. 126).

O autor descreve o processo pelo qual dirigentes, a que ele qualifica como *domadores*, conquistam os corações dos jovens atletas com o discurso baseado em concepção *animalista* da organização social. Sem aceitar abertamente a condição de *domadores*, têm a consciência tranquila por lisonjarem, acariciarem e se colocarem “*a serviço do animal antes de o subjugar'*”. Exemplo disso está em reportagem da revista Veja, de 13 de maio de 2009, sobre jovens talentos do futebol:

O assédio de clubes e investidores às chamadas “promessas do futebol” vem criando miniestrelas – jovens sem fama, mas já familiarizados com a pose de um David Beckham e a bajulação que cerca um Ronaldinho Gaúcho. Tome-se o caso de Luiz Henrique Muniz Batista, o Esquerdinha. Aos 16 anos, ele assinou com o Santos seu primeiro contrato como profissional. Dias depois, foi levado a um passeio na Oscar Freire, rua que abriga as lojas mais elegantes de São Paulo. Acompanhado por três empresários, o adolescente – de regata branca e chinelo de dedo – lotou sacolas de chuteiras, camisetas e bermudas de marcas caras. No momento em que a reportagem de VEJA o encontrou, Esquerdinha estava sendo levado para escolher seu próximo presente: um celular novo (COURA, 13 mai 2009).

Magnane prossegue explicando que a juventude de que os dirigentes gostam é aquela que lhes é totalmente submissa: aceita sem discussão os objetivos que lhe são propostos,

acolhe com gratidão as suas lisonjas e as suas repreensões, as suas exigências e as suas exortações (MAGNANE, 1969, p. 127). Para tanto, muitas vezes, a relação que se estabelece é a de pai e filho, como é comum em filmes que contam trajetórias de grandes atletas. Para restabelecer a forma do atleta, o técnico não se contenta em treiná-lo. Ele o alimenta, veste-o, consegue lugar para ele morar, muitas vezes levando-o para dentro de sua casa. Ele é mãe, pensa e sente em seu lugar. O esporte seria, então, “*um meio de infantilização muito poderoso*” (GREEFF *apud* MAGNANE, 1969, p. 139). As palavras de um remador francês entrevistado por Magnane ilustram essa dependência. Dizendo-se irritado com as imposições do treinador, que o fez repetir incontáveis vezes o mesmo movimento, ele logo se conforma: “*No entanto, no mesmo momento, sinto-me extraordinariamente tranquilizado, seguro: há alguém que pensa em meu lugar, estou liberto de todas as preocupações. É muito bom, é como se me embriagasse um bocado. Paulatinamente, tornou-se uma espécie de paixão: a paixão da docilidade*”. (MAGNANE, 1969, p. 129). E o discurso que resulta desse processo é o da dedicação cega, sem qualquer tipo de questionamento ou análise das consequências que essa dedicação acarreta: “*A gente é muito cobrado. É muita pressão para jogar bem, melhorar. É difícil, não vejo minha família desde o Natal. Mas, pelo sonho de ser jogador, eu me sujeito a tudo*”, diz Victor Paiva Torres, de 15 anos, nascido em Apodi, no Rio Grande do Norte” (COURA, 13 mai 2009).

Se dirigentes formatam jovens atletas dentro da ideologia do sacrifício, questionamos se, no seu papel de informar, o jornalismo estaria totalmente isento de responsabilidade sobre a perpetuação de um discurso. Voltado para o entretenimento, o jornalismo reproduz estereótipos e lugares-comuns que relacionam o esporte de alto rendimento a uma vida saudável e realizadora. Ao oferecer, sem o contraponto da investigação e da análise crítica, exemplos diários dessa realidade idealizada, a imprensa fecha o ciclo do historicamente dizível em relação ao esporte.

Conclusão

Iniciei esta pesquisa com o intuito de verificar a possibilidade de uma cobertura crítica do esporte de alto rendimento praticado no Brasil. O estudo do caso Jade revelou alguns não ditos na cobertura realizada por três noticiários nacionais, e o relato de repórter da Folha de S.Paulo explicitou os pontos que escaparam ao que foi publicado pelo jornal. Em face desses elementos, propus, com base em debate com autores e profissionais da área, algumas possíveis explicações para essas lacunas no discurso. Após explicitá-las mais uma vez aqui, concluo o trabalho com algumas ponderações que arriscam extrapolar o universo da pesquisa e alcançar o esporte de alto rendimento e o jornalismo esportivo como um todo.

Os primeiros elementos que oferecem explicação para a situação encontrada são características do jornalismo em geral. Rotinas produtivas e compartilhamento de valores e percepções sobre o universo retratado conduzem e moldam o trabalho de todos os jornalistas. Já a falta de clareza entre os papéis de repórter e torcedor é intrínseca à editoria em questão, tornando-se mesmo numa armadilha para esses profissionais. Por fim, o jogo de forças entre os campos da comunicação, dos negócios privados, do governo e do esporte constitui-se na rede que parece sustentar o sistema, configurando o universo do esporte de alto rendimento, sua transformação em espetáculo vendável e a necessidade de cobertura emotiva, acrítica e positiva.

Com o título “Um corpo são tem chance?”, matéria da revista CartaCapital publicada em 17 de setembro de 2008 expõe a “contradição frontal” entre os princípios da Carta Olímpica e a maneira como são postos em prática no esporte de elite. Tratando de doping e *“obsessão pelo treinamento de resultados”*, a revista critica a escolha de se *“fazer do corpo e da pessoa do atleta um simples instrumento a serviço de objetivos empresariais e governamentais, a ponto de pôr a saúde em risco e distorcer seu desenvolvimento físico e*

humano” (COSTA, set 2008, p. 11). E apresenta uma ponderação que, caso fosse seriamente considerada no universo do esporte, abalaria a forma como é organizado no mundo atual, mas se aproximaria muito mais daqueles ideais olímpicos utilizados para a sua promoção.

Se o esporte não se compromete com valores éticos e humanos de alcance universal, conquistar mais medalhas não é mais saudável ou meritório do que colecionar mais tampinhas de garrafas, pendurar o maior número de piercings no corpo, saltar de motocicleta sobre o maior número de caminhões, ou qualquer das bobagens que rendem verbetes no *Guinness* (COSTA, 17 set 2008, p. 12).

Dizer que esporte de alto rendimento não é saúde é um óbvio que já foi incorporado ao discurso do esporte. Em trabalho anterior, conversei com treinadores, atletas, profissionais de saúde e dirigentes. Todos eles, assim como os jornalistas entrevistados para esta pesquisa, fizeram essa afirmação. O que tentei apontar e discutir ao longo deste trabalho foi justamente o porquê da ausência desse óbvio na cobertura jornalística do esporte. Pois, como demonstrado por meio do conceito de orientação ao problema, mesmo as matérias que tratam de assunto a ele relacionado, como a contusão de Jade, não apresentam mais do que fragmentos de informação (idade óssea de 50 anos, osteonecrose, possibilidade de cirurgia), sem investigação sobre causas (como a lesão evoluiu para um quadro tão grave se o médico da seleção afirma que a atleta tinha plenas condições de competir nos Jogos Olímpicos), consequências (ainda não se sabe qual o futuro da atleta no esporte, se será possível que volte a competir, mas quem é responsável por seu tratamento, quais as suas opções caso seja obrigada a abandonar a ginástica) e impactos (o que a CBG pode/deve/vai fazer para evitar que casos assim se repitam).

Mas esses, ao que nos parece, são sentidos que forçariam, como sugere a matéria de CartaCapital, a mudanças na forma como o esporte de alto nível é estruturado atualmente, abalando o sistema de forças e interesses entre os universos do esporte, da comunicação, do governo e dos negócios. Sistema esse que foi exposto pelo repórter investigativo Andrew Jennings no livro *The new lords of the ring*”, sobre os bastidores do que ele chama de

máquina olímpica de fazer dinheiro. Seu trabalho de investigação revelou esquemas de pagamento de suborno em troca de medalhas de ouro, escândalos sexuais e encobertamento de casos de doping, além de desvio de dinheiro de fundos olímpicos para campanha pelo Prêmio Nobel da Paz. Tudo isso, o autor defende, comandado secretamente pelo COI, cujos membros “*embolsam lucros substanciais e vivem como realeza enquanto jovens atletas suam e se sacrificam apenas para se qualificar para as provas*” (JENNINGS, 1996, p. 1).

Nas palavras de Norika Ezawa, adversária do prefeito de Nagano e que protestou contra a candidatura da cidade para os Jogos de Inverno de 1998, aqueles “*jogos não seriam mais do que um evento para ajudar grandes corporações a ganhar dinheiro*” (JENNINGS, 1996, p. 161, tradução nossa). Ela fazia referência ao império de Tsutsumi, um dos empresários mais ricos do Japão à época, à Dentsu, uma empresa de propaganda ligada ao COI, e à NHK, rede estatal japonesa de televisão. O contexto da declaração de Ezawa, exposto por Jennings, era o processo de escolha da sede dos Jogos de Inverno de 98. Segundo o jornalista, essas três forças se mobilizaram para a realização do evento no Japão, o que realmente ocorreu, ignorando elementos importantes, como o fato de que, naquele momento, Salt Lake City, nos Estados Unidos, já contava com toda a infraestrutura montada e Nagano não tinha nada pronto. O jornalista usa de ironia para revelar e criticar a participação da mídia no “esquema”. Segundo ele, ao chegar a Nagano, o então presidente do COI, Juan Antonio Saramanch, foi “*submetido ao rigor de uma difícil coletiva de imprensa. A primeira pergunta foi ‘Gostaria de fazer um pronunciamento?’*, seguida de *‘Qual foi sua impressão de Nagano?’*”. A camaradagem, acredita Jennings, deve ter sido estendida ao inspetor do Comitê Olímpico que, após sobrevoar de helicóptero as locações ainda vazias da cidade, anunciou que os anfitriões estavam muito bem preparados (JENNINGS, 1996, p. 161, tradução nossa).

Tendo em vista que as palavras cáusticas de Jennings soam a teoria da conspiração, vale ressaltar que, muitas vezes, o envolvimento de profissionais da mídia no discurso

idealizado sobre o esporte pode ter origem na identificação do indivíduo com os ideais propagados. Se o que guia os meios de comunicação é o engajamento ideológico ou a defesa de interesse político, ou a conjugação de ambos os fatores, não se pode afirmar. O que identifico aqui é a contribuição da imprensa esportiva para a perpetuação de um discurso idealizado pelo esporte, num processo identificado por Orlandi como política do silêncio (silenciamento).

Como o sentido é sempre produzido de um lugar, a partir de uma posição do sujeito – ao dizer, ele estará, necessariamente, não dizendo ‘outros’ sentidos. Isto produz um recorte necessário no sentido. Dizer e silenciar andam juntos. Há, pois, uma declinação política da significação que resulta no silenciamento como forma não de calar, mas de fazer dizer ‘uma’ coisa, para não deixar dizer ‘outras’ (ORLANDI, 1992, p. 55).

A autora cita estudo anterior em que investiga “*como o Índio foi excluído da língua e da identidade nacional brasileira*”. Explica que a fala do Índio não aparece nos textos que são tomados como documentos da história do Brasil. “*Ele não fala, mas é falado pelos missionários, pelos cientistas, pelos políticos*”. (...) *Eles falam do Índio para que ele não signifique fora de certos sentidos necessários para a construção de uma identidade brasileira determinada em que o Índio não conta*”. (ORLANDI, 1992, p. 59).

Para compreender este silêncio, nos foi preciso refazer toda uma trama discursiva que foi construída pela ciência, pela política social e pela religião (a catequese) ao longo de uma história de 500 anos. Por seu lado, este silêncio pode ser compreendido como resistência do Índio a toda tentativa de integração: ele não fala (do lugar que se “espera” que ele fale). Quer se trate de dominação ou de resistência, é pela historicidade que se pode encontrar todo um processo discursivo marcado pela produção de sentidos que apagam o Índio, processo que os colocou *no* silêncio. Nem por isso eles deixam de significar em nossa história (ORLANDI, 1992, p. 59, grifo no original).

Orlandi defende que a interpretação é regida por condições de produção específicas, determinadas historicamente mas que aparecem como universais e eternas, resultando a impressão de sentido único e verdadeiro, natural. Dessa forma, tendo apresentado o produto do jornalismo esportivo e alguns elementos relacionados ao modo e ao contexto em que os

acontecimentos esportivos⁵⁵ são construídos, pode-se inferir que a imprensa esportiva brasileira ainda não comporta a elaboração sobre esse óbvio. Mariante lembra que, fora o futebol, não faz 20 anos que o Brasil passou a conquistar resultados sólidos no esporte – no vôlei, desde 1992, na ginástica, no século 21 – e acredita que, por essa razão, a imprensa esportiva nacional não teria maturidade suficiente para produzir essa abordagem mais investigativa e crítica do esporte. Mas vê boas perspectivas de mudança para o futuro: “*Essa conversa não foi feita nos anos 60, ela está sendo feita agora por vocês que estão começando a colocar isso na Academia e por nós que estamos aqui trabalhando*” (informação verbal).

Jennings aponta o fato de que a maioria dos repórteres esportivos tem pouco tempo e inclinação para investigar o COI, relutando em buscar documentos e histórias que possam desestabilizar sua imagem positiva. Ele acredita que esses jornalistas mantêm trabalho de baixa qualidade e pouca imaginação, sem serem cobrados com o mesmo rigor que os profissionais de outras editorias. Além disso, redes de televisão que compram direitos de transmissão evitam fazer perguntas que podem desagradar “seus amigos olímpicos”. Por fim, o autor se ressentido do fato de que poucos acadêmicos abordam as incertezas morais e filosóficas derivadas da comercialização dos Jogos, ficando a maioria das pesquisas restritas aos arquivos do próprio COI. Assim, concluo, com o apoio de Jennings, que, sem investigação e análise crítica por jornalistas e acadêmicos, os improdutivos clichês emanados sobre o esporte continuarão sendo repetidos e perpetuados, ainda que as “*evidências gritem para nós que há algo terrivelmente errado com o que deveria ser um dos grandes movimentos mundiais*” (JENNINGS, 1996, p.295).

55 Novamente ressalto o fato de que não trabalho com o conceito de acontecimento em toda sua amplitude e complexidade. Os acontecimentos são, na perspectiva de Gaye Tuchman (citado por Mouillaud), produtos de estratégias e não dados dos quais seria suficiente registrar a ocorrência. Mas, orientada pela perspectiva de Orlandi, busquei, ao apontar os temas dominantes na produção atual do jornalismo esportivo, o sistema de forças políticas, comunicacionais e econômicas que fazem parte do universo esportivo e os relatos de profissionais envolvidos com o esporte de alto rendimento no Brasil, levantar os elementos e processos que conformam os acontecimentos esportivos (entendidos aqui como o produto da narrativa midiática sobre o esporte).

Bibliografia

Artigos de jornal

CORREIO BRAZILIENSE. Balanço Geral. Brasília, 4 out 2008. Esportes, p.43.

CORREIO BRAZILIENSE. Jade acusa CBG de descaso. Brasília, 13 jan 2009. Esportes, p.28.

CORREIO BRAZILIENSE. Jade confirma denúncias do pai. Brasília, 15 set 2008. Esportes, p.29.

CORREIO BRAZILIENSE. Lesão polêmica. Brasília, 13 set 2008. Esportes, p.47.

CORREIO BRAZILIENSE. Mais acusações contra a CBG. Brasília, 16 set 2008. Esportes, p.46.

FOLHA DE S.PAULO. Recuperação parcial expõe ginastas. São Paulo, 21 out 2008. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/fk2110200818.htm>.

POMBO, Cristiano. Remédios e água atormentaram Jade. Folha de S.Paulo. São Paulo, 12 set 2008. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/fk1209200802.htm>.

Artigos de revista

COSTA, Antonio L. M. C. Um corpo são tem chance? CartaCapital. São Paulo: 17 set 2008, p. 11-15

COURA, Kaleo. Chuteiras que valem ouro. Veja. São Paulo: 13 maio 2009. Disponível em http://veja.abril.com.br/130509/p_076.shtml.

SÓCRATES. Para que serve a concentração. CartaCapital. São Paulo: 3 jul 2009. Disponível em <http://www.cartacapital.com.br/app/coluna.jsp?a=2&a2=5&i=4497>

Artigos online

EVANGELISTA, Simone. Jade Barbosa solta o verbo e afirma que CBG sabia da gravidade da sua lesão. Globoesporte.com. Rio de Janeiro: 12 jan 2009. Disponível em http://globoesporte.globo.com/Esportes/Noticias/Mais_Esportes/0,,MUL951928-16317,00-JADE+BARBOSA+SOLTA+O+VERBO+E+AFIRMA+QUE+CBG+SABIA+DA+GRAVIDADE+DA+SUA+LESAO.html

EVANGELISTA, Simone. Pai diz que Jade Barbosa competiu no sacrifício em Pequim. Globoesporte.com. Rio de Janeiro: 27 ago 2008. Disponível em <http://globoesporte.globo.com/Esportes/Pequim2008/Noticias/0,,MUL738500-16061,00-PAI+DIZ+QUE+JADE+BARBOSA+COMPETIU+NO+SACRIFICIO+EM+PEQUIM.html>

FRARE, Janaína. Depois da final, Jade relaxa dieta rigorosa e encara biscoitos e Big Mac. Época Online. Pequim: 17 ago 2008. Disponível em <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI10591-15294,00.html>.

GLOBOESPORTE.COM. Novo exame constata lesão gravíssima no punho direito da ginasta Jade Barbosa. Rio de Janeiro: 27 dez 2008. Disponível em http://globoesporte.globo.com/Esportes/Noticias/Mais_Esportes/0,,MUL937170-16317,00-NOVO+EXAME+CONSTATA+LESAO+GRAVISSIMA+NO+PUNHO+DIREITO+DA+GINASTA+JADE+BARBO.html

LOBO, Alexandre. Preocupado, Flamengo promete ajudar Jade a se recuperar da lesão no punho. Globoesporte.com. Rio de Janeiro: 30 dez 2008. Disponível em http://globoesporte.globo.com/Esportes/Noticias/Mais_Esportes/0,,MUL939347-16317,00-PREOCUPADO+FLAMENGO+PROMETE+AJUDAR+JADE+A+SE+RECUPERAR+DA+LESAO+NO+PUNHO.html

Teoria de esporte e jornalismo esportivo

AMARAL, Luís. **Técnica de jornal e periódico**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Brasília: INL, 1978.

BARBEIRO, H.; RANGEL, P. **Manual de jornalismo esportivo**. São Paulo: Contexto, 2006.

COELHO, Paulo V. **Jornalismo esportivo**. São Paulo: Contexto, 2006.

HUIZINGA, Johan. **Homo ludens: o jogo como elemento da cultura**. São Paulo: Perspectiva, 2007

JENNINGS, Andrew. **The new lords of the rings: Olympic corruption and how to buy gold medals**. Glasgow: Caledonian International Book Manufacturing, 1996.

LERBACH, Antônio Marcos. O nível de escolaridade e o desempenho tático de jogadores de voleibol de alto rendimento. 2002. 229f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Vale do Rio Verde de Três Corações (Unincor).

MAGNANE, Georges. **Sociologia do esporte**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1969.

ROWE, David. Sports journalism – Still the 'toy department' of the news media. In: *Journalism*. Sage Publications, 2007. Disponível em <http://jou.sagepub.com/cgi/content/abstract/8/4/385>

SILVA, Verônica L.N.. O preço de um sonho: a realidade do esporte que não é mostrada pela mídia. 2005. Monografia (Graduação em Comunicação) – PUC-Minas.

WERTHEIN, Jorge. **Esporte: uma estratégia para a vida**. In: Esporte e sociedade: ações socioculturais para a cidadania. São Paulo: IMK Realções Públicas, 2004.

Teorias de discurso e jornalismo em geral

GOMES, Wilson. **Transformações da política na era da comunicação de massa**. São Paulo; Paulus, 2004.

MARSHALL, Leandro. **O jornalismo na era da publicidade**. São Paulo: Summus, 2003.

MOUILLAUD, Maurice. A crítica do acontecimento ou o fato em questão. In: PORTO, Sérgio (org.). **O jornal: da forma ao sentido**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002.

ORLANDI, Eni. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 6ª edição, 2005.

ORLANDI, Eni. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.

SEQUEIRA, Cleofe. **Jornalismo Investigativo: o fato por trás da notícia**. São Paulo: Summus, 2005

TRAQUINA, Nelson. **O estudo do jornalismo no século XX**. São Leopoldo: Unisinos, 2001.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo. A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional**. Florianópolis: Insular, 2005.

Entrevistas

ARNOT, Emmanuel. Entrevista concedida à autora em Belo Horizonte, em 16 de junho de 2004.

BARBEIRO, Heródoto. Entrevista concedida à autora em Brasília, em 4 de fevereiro de 2009.

BIASI, Nelson. Entrevista concedida à autora em Belo Horizonte, em 28 jun 2004.

CAMPELLO, Roberta. Entrevista concedida à autora em Belo Horizonte, em 28 jun 2004.

CASSEMIRO, Mariana. Entrevista concedida à autora em São Paulo, em 9 de outubro de 2004.

COELHO, Paulo V. Entrevista concedida à autora em São Paulo, em 29 de junho de 2009.

CUNHA NOVO, Gustavo. Entrevista concedida à autora em Brasília, em 28 de julho de 2008.

MARIANTE, José Henrique. Entrevista concedida à autora em São Paulo, em 27 de junho de 2009.

NAZÁRIO DE LIMA, Ronaldo. Entrevista concedida aos colunistas da Folha de S.Paulo Clóvis Rossi, Mônica Bergamo, Juca Kfoury e Xico Sá, em 15 de maio de 2009. Disponível em <http://esporte.uol.com.br/ultimas/multi/2009/05/15/04023762DC812346.jhtm?sabatina-da-folha-com-ronaldo--integra-da-entrevista-04023762DC812346>

POMBO, Cristiano. Entrevista concedida à autora em São Paulo, em 27 de junho de 2009.

STYCER, Mauricio. Entrevista concedida à autora em São Paulo, em 29 de junho de 2009.